

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CÂMPUS DE CURITIBA
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
CURSO DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

HELEN VANESSA MELEZINSKI

LARISSA DA CRUZ WIGGERS

**IGUALDADE FAZ A DIFERENÇA: GUIA PRÁTICO PARA A
INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2015

HELEN VANESSA MELEZINSKI (1448560)

LARISSA DA CRUZ WIGGERS (1448587)

IGUALDADE FAZ A DIFERENÇA: GUIA PRÁTICO PARA A INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do curso superior de Tecnologia em Design Gráfico do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial – DADIN - da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – como requisito parcial para a obtenção do título de Tecnólogo.

Orientador: Prof. MSc. Marco André Mazzarotto Filho

CURITIBA

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO Nº 001

**Igualdade faz a diferença: Guia prático para a inclusão social de
pessoas com deficiência**

por

Helen Vanessa Melezinski e Larissa da Cruz Wiggers

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no dia 15 de julho de 2015 como requisito parcial para a obtenção do título de TECNÓLOGO EM DESIGN GRÁFICO, do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O(s) aluno(s) foi (foram) arguido(s) pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo, que após deliberação, consideraram o trabalho aprovado.

Banca Examinadora: Prof(a). Ana C. Camila Veiga de França (Msc.)
Prof(a). Gheysa Caroline Prado (Msc.)
DADIN – UTFPR

Prof(a). Marco A. Mazzarotto Filho (Msc.)
Orientador(a)
DADIN – UTFPR

Prof. Marco A. Mazzarotto Filho (Msc.)
Professor Responsável pelo TCC
DADIN – UTFPR

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”.

RESUMO

MELEZINSKI, Helen; WIGGERS, Larissa. **Igualdade faz a diferença: Guia prático para a inclusão social de pessoas com deficiência**. 2015. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico) — Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

Este trabalho apresenta um guia prático, em formato digital, que contém dicas e informações que buscam auxiliar no relacionamento e inclusão social de pessoas com deficiência visual. Buscou-se tratar o assunto de maneira mais informal e menos extensa, fazendo uso de muitas ilustrações e poucos blocos de texto; buscou-se também, fazer contínuas validações com o público envolvido e divulgar o projeto de maneira mais abrangente, de forma a torná-lo mais funcional.

Palavras-chave: *Guia. Deficiência visual. Inclusão social. Ilustrações.*

ABSTRACT

MELEZINSKI, Helen; WIGGERS, Larissa. **Equality makes the difference: Practical guide to social inclusion of people with disability**. 2015. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico) — Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

This project presents a digital, practical guide, that contains tips and information that aims to assist the relationship and social inclusion of people with visual disability. Seeking to manage the matter in an informal and shorter way, by using many illustrations and few text blocks; also doing continuous validation with the involved public and to disclose the project in a more embracing way, in order to make it more functional.

Keywords: *Guide. Visual disability. Social inclusion. Illustration.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de ciclo da <i>Startup Enxuta</i>	18
Figura 2 – Modelo de ciclo de <i>Design Thinking</i>	19
Figura 3 – Excesso de texto na cartilha “A pessoa com deficiência e o SUS”	24
Figura 4 – Excesso de texto na “Cartilha IBDD dos direitos da pessoa com deficiência”	24
Figura 5 – Excesso de texto no “Manual de Convivência – Pessoas com Deficiência e Mobilidade Reduzida”	25
Figura 6 – Excesso de texto encontradas no guia “Mídia e Deficiência”	25
Figura 7 - Capa do Guia.....	27
Figura 8 – Página com gráfico e texto corrido	21
Figura 9 – Página com tabela	22
Figura 10 – Página com texto com 3 tipos e tamanhos	23
Figura 11 – Página com ilustração e pouco texto	23
Figura 12 – Painel Semântico de Ilustrações e cores.....	27
Figura 13 – Painel Semântico de Infográficos/elementos visuais combinados com texto	28
Figura 14 – Elementos base das ilustrações.....	29
Figura 15 – Ilustrações criadas	30
Figura 16 – Capa do guia com a logo	32
Figura 17 – Logotipo em variações	32
Figura 18 – Paleta de cores base	33
Figura 19 - Tipografia texto	33
Figura 20 – Tipografia fala	33
Figura 21 – Páginas do primeiro P.M.V.	34
Figura 22 - Páginas do segundo P.M.V.	35
Figura 23 – Dica com conteúdo inacessível.....	37
Figura 24 – Ilustração da nova dica..	38
Figura 25 - Guia com novas alterações.....	39
Figura 26 – Captura de tela da página do <i>Facebook</i>	41
Figura 27 – Captura de tela mostrando as “curtidas” da página, obtidas em 3 dias..	42
Figura 28 - Cartaz	43
Figura 29 – Cartaz.....	43
Figura 30 – Layouts para os televisores: telas permanentes e dicas que variam	43
Figura 31 – Simulação dos <i>layouts</i> nos televisores da universidade	44
Figura 32 - <i>Landing page</i>	44
Figura 33 – Cartaz A2 com todas as dicas.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Visão geral do processo de design deste trabalho.....	15
Quadro 2 - Análise de similares	17
Quadro 3 – Todas as dicas e informações presentes no guia	26

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 PROBLEMA	9
1.2 OBJETIVOS	9
1.2.1 Objetivo Geral	9
1.2.2 Objetivos Específicos	9
1.3 JUSTIFICATIVA	10
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	10
2 DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL	12
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
4 AVALIAÇÃO DOS GUIAS ATUAIS	18
4.1 ANÁLISES DE SIMILARES	18
4.2 ENTREVISTA	22
5 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	27
5.1 BRIEFING	27
5.2 GERAÇÃO DO CONTEÚDO	27
5.3 PAINÉIS SEMÂNTICOS	29
5.4 ILUSTRAÇÕES	31
5.5 GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS	33
5.5.1 Primeiro P.M.V.	33
5.5.2 SEGUNDO P.M.V.	37
5.6 VERSÃO FINAL DO GUIA	38
5.6.1 Pesquisa com instituições	38
6 ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO	43
6.1 FACEBOOK	43
6.2 OUTRAS SOLUÇÕES	44
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	48
APÊNDICE A	51
APÊNDICE B	54
APÊNDICE C	58
APÊNDICE D	66
APÊNDICE E	67

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

No Brasil, cerca de 45,6 milhões de pessoas tem algum tipo de deficiência (IBGE 2010), mas, mesmo assim, ainda há falta de informação sobre isso, fazendo com que parte da população tenha dificuldade em incluir e se relacionar com pessoas com deficiência.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Desenvolver o projeto de um guia prático, a ser divulgado para a população em geral, que promova um ensino do que é necessário para a interação e inclusão social de pessoas com deficiência.

Ao longo do processo iterativo adotado neste trabalho, optou-se por validar cada etapa e solução antes de se iniciar a próxima etapa ou peça gráfica. Por esse motivo, por mais que o escopo maior deste projeto seja criar guias para as deficiências visuais, auditivas e física, neste TCC o foco limitou-se a criar e validar primeiramente o guia para cegos, para futuramente aplicar a mesma solução para as demais deficiências.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar quais são as recomendações para relacionamento para cada deficiência definida: pessoas cegas, surdas e cadeirantes.
- Analisar e avaliar os guias de relacionamento já existentes, verificando problemas que devem ser superados e boas estratégias que podem ser aproveitadas.
- Desenvolver de forma interativa, com testes frequentes ao longo do processo, a nova proposta de guia.
- Desenvolver estratégias de divulgação do guia para a sociedade em geral.

1.3 JUSTIFICATIVA

Segundo a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, Art. 19, “os Estados Partes desta Convenção reconhecem o igual direito de todas as pessoas com deficiência de viver na comunidade como as demais e deverão tomar medidas efetivas e apropriadas para facilitar às pessoas com deficiência o pleno desfrute deste direito e sua plena inclusão e participação na comunidade (...)”. (A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada, 2008).

Apesar dessa lei garantir a inclusão social das pessoas com deficiência, que atualmente representam quase $\frac{1}{4}$ da população brasileira, ainda há certo tabu com relação ao assunto, como se observa neste trecho de um documento do Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência:

O constrangimento inicial existe sempre que nos defrontamos com a situação nova de estar com uma pessoa com deficiência. Convém lembrar que a deficiência é natural para ele e que ver, ouvir, falar, correr fazem parte da história da vida, não são questões proibidas. A dificuldade de relacionamento não deve ser transformada nem em proteção nem no preconceito de tratá-lo como incapaz ou como super-herói.

IBDD (2008).

Analisando esses dados, acredita-se que a criação de um guia que ensine como lidar com as diferenças promoveria mais confiança nas pessoas, e por consequência da melhora na convivência, um incentivo à inclusão social de pessoas com deficiências.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho está estruturado em sete capítulos. Após a breve introdução com o problema, objetivos e justificativa neste primeiro capítulo, encontra-se o segundo capítulo, 'Procedimentos Metodológicos', onde será apresentada a

metodologia utilizada para o desenvolvimento do projeto, baseada nos conceitos de “A *Startup Enxuta*” (Ries, 2012) e no método de *Design Thinking* (Brown, 2010).

O terceiro capítulo, ‘Avaliação dos guias atuais’ possui a análise de materiais similares realizada, como foi sua seleção, e os resultados obtidos. Em seguida, selecionou-se um dos similares, que serviu como base para a criação de um questionário, que buscava a opinião do público alvo a respeito do tema e da abordagem nele utilizada. Os resultados da entrevista se encontram sintetizados ainda neste capítulo.

No capítulo seguinte, ‘Desenvolvimento do projeto’, apresenta-se todo o processo de *briefing*, pesquisa de referências, geração de ideias, dos protótipos criados, chamados de “produtos mínimos viáveis”, e seus testes com o público. Em seguida, no capítulo ‘Estratégias de divulgação’, são apresentadas as ações promocionais planejadas para o guia e seu conteúdo, e na sequência, como se deu e os resultados da validação do projeto com o público que lida e/ou possui deficiência visual.

Por fim, se encontrarão as considerações finais do projeto: o que foi aprendido, as soluções e dificuldades encontradas, o que falta fazer o que esperar no futuro para a sua real implementação.

2 DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL

Segundo o Censo 2010, realizado pelo IBGE, no Brasil, temos atualmente 45.606.048 pessoas (ou seja, 23,9% da população total) com algum tipo de deficiência. Dentro desse número, prevalece a deficiência visual, que representa 18,6% dos casos: 528.624 pessoas são cegas (sem a capacidade de enxergar); 6.056.654 pessoas têm dificuldade permanente de enxergar (baixa visão ou visão subnormal); e outros 29 milhões de pessoas declararam possuir alguma dificuldade de enxergar, mesmo com uso de óculos ou lentes.

Ainda segundo o Censo 2010,

O Governo Federal, por meio da Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, tem buscado oferecer oportunidades de educação, trabalho e saúde para que as pessoas com deficiência sejam incluídas integralmente na sociedade e tenham vida produtiva e independente. Para maximizar os resultados das políticas, a Secretaria tem trabalhado em parceria com os demais ministérios, com os governos estaduais e locais. (IBGE, 2010).

Dentre esses programas ofertados pelo Governo, estão o “Plano Viver sem Limite”, que inclui os programas “Minha Casa, Minha Vida”, “Pronatec” e “Crédito Acessibilidade”; e o “Programa Brasil Carinhoso”, que busca assistir crianças de baixa renda na fase inicial da vida, além de outras medidas que os beneficiam, como prioridade em atendimentos e processos jurídicos, cotas, isenção de impostos e taxas, benefícios e aposentadorias e gratuidade nos transportes.

Recentemente, a mestrandia em educação na Universidade Estadual de São Francisco (EUA), Caitlin Hernandez, que é cega desde a infância, enumerou em uma lista, os 10 erros que mais magoam as pessoas cegas, publicada no site *The Mighty*¹.

Em uma linguagem bem direta, ela cita que gostaria que informações sobre a cegueira fossem esclarecidas universalmente para que não houvesse constrangimento entre ambas as partes. Na lista estão brincadeiras, comentários e atitudes à que as pessoas cegas estão sujeitas no seu cotidiano e que, segundo ela, mesmo que não aconteçam com frequência, são situações que tendem a incomodar muito quando ocorrem.

¹ Disponível em: <<http://themighty.com/2015/05/10-mistakes-that-hurt-blind-people-the-most1/>>
Acesso em 02/07/2015

As reclamações de Caitlin são ponto em comum para a maioria das pessoas com deficiência visual, e pode-se observar que esses erros não são feitos por maldade, e sim, falta de conhecimento sobre como incluir e lidar com a deficiência, algo que seria facilmente resolvido com um acesso maior a esse tipo de informação do que é ou não permitido.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como base para o desenvolvimento do projeto, foi usada a metodologia da “*startup enxuta*”, que, resumidamente, consiste em um processo inovador desenvolvido por Ries (2012), que visa a redução de riscos, prejuízos e tempo na construção de produtos e serviços. Para Ries (2012), “a *startup* é uma instituição humana projetada para criar novos produtos e serviços sob condições de extrema incerteza”. Ela se baseia em ciclos contínuos, resumidos em “Construir-medir-aprender” (Figura 1), onde ocorre validação em tempo real com o público, de forma rápida e constante, possibilitando assim, alterações que podem ser feitas ao longo da construção do projeto, visando sempre a alternativa que vai resolver melhor um determinado problema e ser mais bem-sucedida; ou ainda, possibilitando que uma ideia “furada” seja abandonada antes que seja tarde demais.

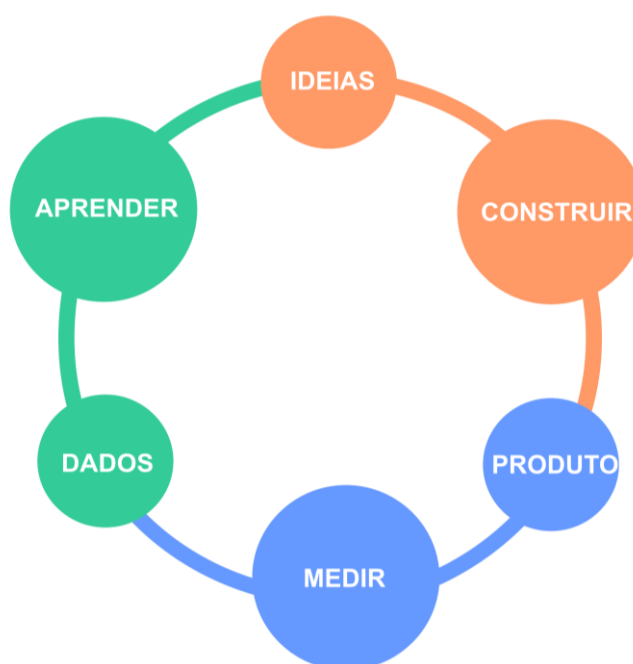


Figura 1 – Modelo de ciclo da *Startup Enxuta*
Fonte: Redesenho das autoras com base em Ries (2015)

No ciclo de construção, o método incentiva a criação de um “Produto Mínimo Viável” (P.M.V.), ou seja, o protótipo mais simples (visando economia de tempo e esforços) possível do projeto final, que será testado com o público alvo, afim de obter informações quantitativas e qualitativas sobre o produto. Dali, os resultados são “medidos” e se a ideia não é válida e/ou bem-sucedida, busca-se outra alternativa e inicia-se um novo ciclo. Se a ideia do projeto é válida, melhorias são feitas nele, com base no que foi aprendido e em seguida, o ciclo se inicia novamente, até que se obtenha um resultado satisfatório e que chegue mais perto de resolver o problema, que seria um elo entre o que o público quer, precisa e espera e o que os criadores do produto pretendem. Esta técnica é voltada para empreendedores inovadores que buscam sucesso, mas seus conceitos se aplicam à qualquer projeto que envolva criação.

Focando mais na área de *design*, utilizou-se também a técnica chamada *Design Thinking*, que é semelhante à da “*startup enxuta*” em diversos aspectos. Alguns autores como Ambrose e Harris (2011), a resumem em alguns passos (Figura 2), que são seguidos também de forma cíclica: Definir um problema, pesquisar, gerar ideias, testar protótipos, selecionar, implementar e aprender com eles. O projeto com *design thinking* pode ser criado com a colaboração das pessoas impactadas, e neste método, a solução é adaptável conforme a necessidade do problema, podendo tomar um caminho completamente fora do que se havia imaginado a princípio.



Figura 2 – Modelo de ciclo de *Design Thinking* segundo a d.school de Stanford

Fonte: Blog Carolina Cavalcanti² 2012

² Disponível em: < <http://carolina-cavalcanti.blogspot.com.br/2013/12/inovacao-na-educacao-partir-do-design.html> > acesso em 19/05/2015

Esses métodos se diferem da forma tradicional de fazer projetos, onde se têm uma ideia de solução antes de ir à fundo no problema; onde a validação não ocorre, ou só ocorre depois que muito tempo e esforço foram investidos, resultando, muitas vezes, na descoberta de que se estava indo pelo caminho errado.

Aplicando esses métodos neste trabalho, primeiro procurou-se propostas de projetos semelhantes, de várias instituições confiáveis e experientes no assunto, onde um extenso conteúdo sobre necessidades, leis e dicas de convivência foi encontrado, o que evitou a necessidade de criar novos conteúdos sobre a temática.

Com as informações prontas para uso, o objetivo era criar formas de inovação visual, que permitisse que o material chegasse ao conhecimento e acesso de um público maior, pois a falta de divulgação dos materiais semelhantes estudados é um dos principais motivos pelos quais as pessoas não têm acesso a eles.

Após a leitura dos materiais encontrados, uma tabela foi criada afim de comparar e analisar as características e conteúdos das publicações. Através dela, um dos guias foi selecionado como modelo mais visualmente e informacionalmente interessante, que em seguida foi usado como base para um questionário a ser respondido pelo público alvo, que procurou saber quais elementos são mais ou menos importantes para capturar a atenção do leitor, qual o nível de interesse dos entrevistados pelo assunto e qual o nível de interesse pelo guia apresentado.

A partir das respostas obtidas, foi criado um produto mínimo viável (P.M.V.), um modelo do guia final, com apenas 4 páginas e 1 deficiência, que foi testado com o público. Obteve-se respostas semelhantes entre os entrevistados, que mostravam um resultado positivo sobre o estilo de ilustração e projeto gráfico, que permitiu que a mesma linha de criação fosse continuada no restante do guia. Também foram identificadas uma série de pequenas alterações que poderiam melhorar o resultado.

Com bases nesses dados, foi desenvolvido um segundo produto mínimo viável, um pouco mais extenso, mais ainda focando em apenas uma deficiência. E também já foram planejadas algumas estratégias de divulgação.

O trabalho encontra-se agora no momento de testes e validação desta segunda versão e suas estratégias de divulgação. O quadro 1 apresenta as etapas do processo já cumpridas e as que ainda faltam ser desenvolvidas para a conclusão do trabalho:

VISÃO GERAL DO PROCESSO DE DESIGN DESTE TRABALHO	
ETAPAS REALIZADAS NESTE TCC	Etapa 1 – Análise de similares e pesquisa com o público
	Etapa 2 – Desenvolvimento do primeiro P. M. V. para apenas uma deficiência.
	Etapa 3 – Teste do P.M.V. 1
	Etapa 4 – Desenvolvimento do segundo P. M. V. e estratégias de divulgação
	Etapa 5 – Teste com o público alvo e com instituições de/e pessoas cegas
	Etapa 7 – Ajustes com base nos resultados dos testes
PRÓXIMAS ETAPAS (PÓS TCC)	Etapa 8 – Colocar as estratégias de divulgação do primeiro guia em prática
	Etapa 9 – Desenvolvimento final do guia para as outras duas deficiências (física e auditiva) e finalização das estratégias de divulgação
	Etapa 10 – Teste final

Quadro 1 - Visão geral do processo de design deste trabalho

Fonte: As autoras (2015)

4 AVALIAÇÃO DOS GUIAS ATUAIS

4.1 ANÁLISES DE SIMILARES

Foram selecionados oito materiais com propostas semelhantes, feitos por instituições ligadas ao assunto, e com um nível informacional de credibilidade. Em seguida, foram organizados os dados obtidos (quadro 2), para a apresentação e comparação desses materiais. No apêndice A estão imagens de todos os guias analisados.

NOME	PÁG-ANO	AUTOR	PÚBLICO ALVO	CONTEÚDO	ELEMENTOS	FORMATO
A pessoa com deficiência e o SUS	16 – 2007	Ministério da Saúde	Profissionais da saúde e deficientes	Saúde do deficiente e acessibilidade	Texto; ilustração na capa	PDF A4
Cartilha de orientação para atendimento de pessoa com deficiência	14 - ?	Rede de Reabilitação Lucy Montoro	Profissionais da área de viagens, restaurantes, postos (..)	Orientar atendimento à pessoa deficiente que viaja	Fotos, algumas ilustrações	PDF A4
Cartilha IBDD dos direitos da pessoa com deficiência	109 – 2014	IBDD	Deficientes	Direitos/leis explicados	Texto	PDF A4
Convivendo com pessoas com deficiência	36 - ?	Viação Cometa	Funcionários e colaboradores da Cometa	Dicas de convivência com clientes e funcionários deficientes	Ilustrações, gráficos, glossário e texto	PDF A4
Inclusão social da pessoa com deficiência: medidas que fazem a diferença	313 – 2008	IBDD	Público em geral	Medidas de acessibilidade e, leis, glossário, dicas	Texto e fotos	PDF A4
Manual de Convivência - pessoas com deficiência e mobilidade reduzida	92 - 2012	Instituto Mara Gabrielli	Público em geral	Dicas separadas por deficiência e exemplos e legislação	Texto e ilustrações	PDF A4
Mídia e deficiência	184 – 2003	ANDI e Fundação Banco do Brasil	Mídia, imprensa e jornalistas brasileiros	Como melhorar e qual o novo rumo das mídias para o acesso de todos	Fotos, algumas ilustrações e texto	PDF A4

O que as Empresas podem fazer pela Inclusão das Pessoas com Deficiência	96 – 2002	Instituto Ethos	Empresas	Termos corretos, dicas de convivência separadas por deficiência, glossário	Texto	PDF A4
---	-----------	-----------------	----------	--	-------	--------

Quadro 2 - Análise de similares

Fonte: As autoras (2015)

Os materiais pesquisados foram selecionados por relevância no tema e no conteúdo, que são semelhantes ao que este projeto aborda. Todos foram encontrados em forma digital, mas é possível perceber que nenhum deles foi feito para este fim, e sim para impressão, já que todos estão em formato A4 retrato, que não é uma proporção adequada para o uso em telas de computador.

Através de análise, também se descobriu que os materiais existentes já contêm vasta informações sobre o tema, tornando desnecessária a criação de novos conteúdos. O trabalho atual poderá utilizá-los como base a definição das recomendações de relacionamento que serão inseridas no novo guia.

Apesar de cada material analisado ser focado em uma categoria específica, todos incluíam outras informações mais generalizadas, ainda que em menor quantidade, como leis e breves dicas de convivência, além de a maioria apresentar número de páginas extenso. A grande quantidade de textos e páginas não é necessariamente ruim, já que demonstra uma maior profundidade no conteúdo. Porém, como estratégia para divulgar esse conteúdo para a sociedade em geral, pode não ser efetivo, já que poderá desestimular as pessoas a lerem o guia como um todo. Algumas páginas que contem excesso de texto estão apresentadas nas figuras 3 a 6.

REABILITAÇÃO

A assistência à saúde e as ações de reabilitação visam ao desenvolvimento de capacidades, habilidades, recursos pessoais e comunitários para promover a independência e a participação social das pessoas com deficiência frente à diversidade de condições e necessidades.

Toda pessoa que apresente redução funcional tem direito ao diagnóstico e à avaliação de uma equipe multiprofissional (formada por médicos, fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, assistentes sociais, enfermeiros, nutricionistas e outros). De igual forma, tem direito de beneficiar-se dos processos de reabilitação de seu estado físico, mental ou sensorial, quando este constituir obstáculo para sua inclusão educativa, laboral e social.

A busca por atenção à saúde compreende não só o acompanhamento e a manutenção dos ganhos adquiridos com a reabilitação e a prevenção de deformidades, como com a aquisição e adequação de órteses e próteses (cadeiras de rodas, bolsas de colostomia, próteses auditivas, visuais e ortopédicas, etc.).

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES MAIS FREQUENTES

1. O que acontece se a pessoa com deficiência não vai regularmente ao médico?

Pode ocorrer o agravamento da incapacidade ou do seu estado clínico. Para evitar tal ocorrência, é importante procurar a unidade de saúde perto de sua moradia para uma avaliação clínica de seu estado geral de

A reabilitação é um processo que diz respeito ao desenvolvimento humano e às capacidades adaptativas nas diferentes fases da vida. Abrange os aspectos funcionais, psíquicos, educacionais, sociais e profissionais.

10

Figura 3 – Excesso de texto na cartilha “A pessoa com deficiência e o SUS”

Fonte: Ministério da Saúde, p. 10, 2007

Rio Card Especial **Município do Rio de Janeiro**

Este passe oferece gratuidade nos ônibus convencionais de duas portas, sem ar condicionado e nos microônibus urbanos sem ar condicionado da Cidade do Rio de Janeiro, conforme a Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro, de 05 de abril de 1990 e as Leis Municipais 3.167, de 27 de dezembro de 2000 e a Lei Municipal 5.211, de 01 de julho de 2010, regulamentadas pelo decreto 32.842, de 01 de outubro de 2010. Os beneficiados são pessoas com deficiência e doentes crônicas, desde que hipossuficientes, maiores de 65 anos e alunos uniformizados do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino.

Têm direito ao passe livre municipal:

- ▶ Pessoas com deficiência física
- ▶ Pessoas com deficiência auditiva
- ▶ Pessoas com deficiência visual
- ▶ Pessoas com deficiência intelectual
- ▶ Portadores do vírus HIV (que necessitem de tratamento contínuo)
- ▶ Renais crônicos
- ▶ Transplantados
- ▶ Hansenianos
- ▶ Doentes crônicos

Como requerer:

- ▶ Primeiro passo: estar inserido no Cadastro Único Geral – CadÚnico para comprovar a hipossuficiência e para isso você deve dirigir-se ao Centro de Referência em Assistência Social – CRAS, do seu bairro ou mais próximo da sua residência.
- ▶ Segundo passo: dirigir-se a Clínica da Família do seu bairro ou mais próximo da sua residência, para que o médico preencha o laudo médico eletrônico, em sistema próprio para requerimento da concessão da gratuidade.

CadÚnico **Documentos necessários**

Para o responsável familiar: CPF ou título de eleitor;
 Para os demais membros da família: qualquer documento de identificação, como a carteira de identidade, CPF, título de eleitor, certidão de casamento ou nascimento, carteira de trabalho.

13

Figura 4 – Excesso de texto na “Cartilha IBDD dos direitos da pessoa com deficiência”

Fonte: IBDD, p. 19, 2014

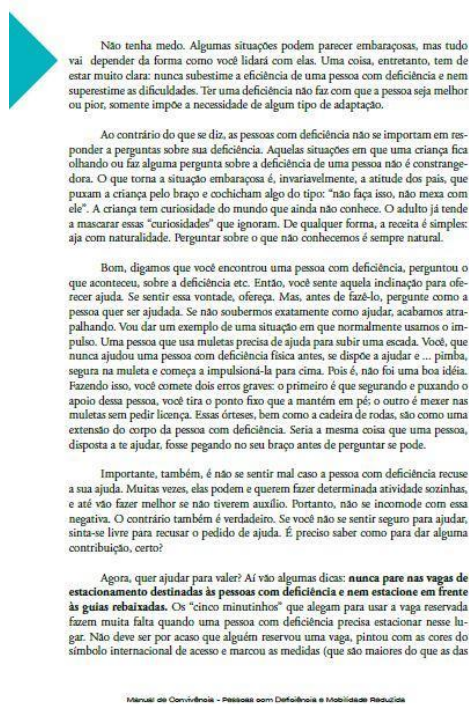


Figura 5 – Excesso de texto no “Manual de Convivência – Pessoas com Deficiência e Mobilidade Reduzida”

Fonte: Instituto Mara Gabrilli, p. 15, 2012

20 A construção dos conceitos / MÍDIA E DEFICIÊNCIA

A *inclusão*, ao contrário, nos aponta para um novo caminho. Nele, nossas decisões são guiadas pela certeza de que o direito de escolher seres humanos é filosoficamente ilegítimo, além de ser anticonstitucional. Uma sociedade inclusiva tem compromisso com as minorias e não apenas com as pessoas com deficiência. Tem compromisso com elas e com sua diversidade e se auto-exige transformações intrínsecas. É um movimento com características políticas. Como filosofia, *incluir* é a crença de que todos têm direito de participar ativamente da sociedade. Como ideologia, a *inclusão* vem para quebrar barreiras cristalizadas em torno de grupos estigmatizados.

A *inclusão* é para todos porque somos diferentes.

Um pouco da história

A concepção de um mundo-mãe sempre viveu no desejo da humanidade, em diferentes épocas e civilizações. Mas foi só em 1981, ao instituir o Ano Internacional das Pessoas Deficientes, que a ONU oficializou o embrião do conceito de sociedade inclusiva. Entidades não-governamentais e governamentais, a mídia mundial, nações de portes diversos no cenário econômico-político internacional reafirmaram por 365 dias a necessidade de o planeta reconhecer com firmeza os direitos das pessoas com deficiência.

Em 20 de dezembro de 1993, no final da Década das Nações Unidas para Pessoas Portadoras de Deficiência, a Assembleia Geral da ONU assinou uma outra e decisiva resolução – a de nº 48/06 – que adotou o

documento *Normas sobre a Equiparação de Oportunidades para Pessoas com Deficiência*. Nesse documento deu forma às ideias do programa de 1982. São 22 normas que indicam os requisitos, as áreas-alvo e as medidas de implementação da igualdade de participação das pessoas com deficiência na sociedade. Mas esta conquista não ocorreu de um dia para outro, em um passe de mágica. Ela é resultado de um longo processo de luta e modernização no campo dos direitos humanos das pessoas com deficiência, que avançou do conceito de *segregação institucional*, passando pelo de *integração* até o chegar ao atual modelo de *sociedade inclusiva*.

O paradigma da *integração*, norteador de práticas sociais e políticas públicas pertinentes a pessoas com deficiência durante cerca de 40 anos (décadas de 50 a 80), teve seus méritos baseados no fato de que surgiu em substituição ao paradigma da *segregação institucional*.

Em que consistia essa prática? Para entendê-la melhor, é necessário retroceder mais ainda na história e lá encontrar o paradigma da *exclusão* das pessoas com deficiência.

No artigo “Como chamar as pessoas que têm deficiência?”, de Romeu Kazumi Sassaki (publicado em *Vida Independente*, julho de 2003), o autor descreve que durante séculos as pessoas com deficiência foram consideradas inúteis – um peso morto para a sociedade, um fardo para a família e sem valor profissional. Chamadas de “invalidas”, foram excluídas da sociedade, muitas delas literalmente exterminadas em certas culturas.

Figura 6 – Excesso de texto encontradas no guia “Mídia e Deficiência”

Fonte: ANDI e Fundação Banco do Brasil, p.20, 2003

Faltaram algumas informações a respeito dos materiais, como o ano de publicação dos mesmos e onde se pode encontrar exemplares impressos.

Alguns dos guias mais breves eram focados para funcionários de empresas e eram mais diretos em conteúdo, porém, com a falta de elementos visuais, a leitura se torna monótona.

De forma geral, concluiu-se que todos são bastante informativos, mas falta inovação e apelo visual nos projetos gráficos, para chamar e prender a atenção do leitor. Assim como o excesso de páginas e texto podem desestimular quem ainda não tem 100% de interesse no tema. Falta também uma maior divulgação dos materiais e como ter acesso a eles, para promover estes conteúdos em grandes escalas. A dificuldade de encontrá-los em sua forma impressa, e por outro lado, a facilidade de encontrá-los na forma digitalizada, indica que materiais digitais são mais acessíveis e de fácil distribuição.

4.2 ENTREVISTA

Dentre os materiais analisados, o que mais se assemelha com a proposta deste trabalho foi a cartilha “Convivendo com pessoas com deficiência”, da empresa Viação Cometa. Por esse motivo, ela foi escolhida como modelo mais informacional e visualmente interessante (Figura 7) para uma entrevista com o público alvo, que visava saber o que este pensa sobre o assunto principal, “deficiências”; sobre a ideia de um guia informativo e se os elementos e estratégias utilizados nele são ou não interessantes.

Este guia, como mostrado na Tabela 1, possui 36 páginas e é destinado a funcionários e colaboradores da empresa Viação Cometa. O conteúdo dele são algumas curiosidades, mitos e verdades, dicas de convivência, leis e dados estatísticos sobre as deficiências auditiva, visual, física, múltipla e intelectual.

Sem muitos aprofundamentos e foco, um pouco de tudo é abordado em meio a gráficos (Figura 8) tabelas, ilustrações e blocos de texto (Figura 9). A variedade de elementos gráficos torna a leitura menos monótona e mais rápida, e é esta característica que o difere dos demais materiais, fazendo dele o modelo desta entrevista.



Figura 7 - Capa do Guia

Fonte: Viação Cometa

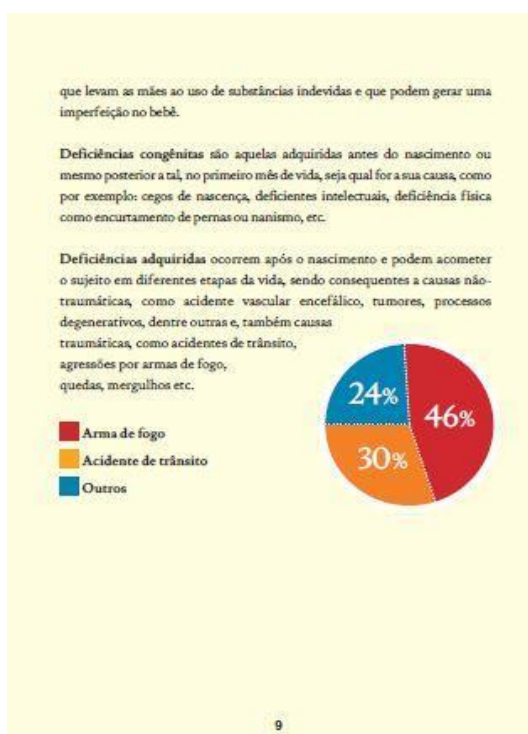


Figura 8 - Gráfico e texto corrido

Fonte: Viação Cometa

Lembre-se:

Antes de ajudar, pergunte à pessoa com deficiência:

Precisa de ajuda? Como posso ajudar?

Não se contranja em usar palavras como "correr" e "andar".
As pessoas com deficiência física usam naturalmente estes termos.

Como devo me referir aos deficientes físicos?

Pessoa com deficiência física.

Mitos e verdades

Deficientes físicos...	Verdade	Mito
Precisam de ajuda para ir ao banheiro		■
Não praticam esportes ou atividades físicas		■
Correm mais perigo em caso de incêndio	■	
Precisam sempre de um acompanhante		■
Têm a mesma capacidade intelectual das outras pessoas	■	

13

Figura 9 – Tabela

Fonte: Viação Cometa

Para a entrevista, foram elaboradas seis questões (Apêndice B) a respeito apenas da parte visual, e não informacional do guia modelo. Dez entrevistados, de diferentes faixas etárias e áreas de atuação, e que foram escolhidos através de amostragem por conveniência, puderam dar suas opiniões. A entrevista foi feita pessoal e individualmente com cada um dos entrevistados, que analisaram o guia modelo através de um computador portátil.

Numa síntese das respostas obtidas, pôde-se observar que todos os 10 entrevistados perceberam facilmente qual era o assunto tratado na cartilha; 10 afirmaram que o tema é muito importante, numa escala que ia de 'muito importante' até 'irrelevante'; 4 não leriam a cartilha, alegando que apesar de o assunto ser interessante, contém muito texto; ao analisar um trecho do texto, 4 pessoas acharam que muitas fontes na mesma página (Figura 10) incomodam visualmente; ao analisar uma ilustração com 3 linhas de texto (Figura 11), 6 pessoas acharam que imagens e outros elementos visuais são importantes e funcionam melhor para assimilar as informações que uma grande quantidade de texto.

Observando as diferenças

No nosso dia a dia não percebemos a diversidade entre nossos colaboradores e colegas de trabalho. Mas elas existem! Apesar de sabermos que todos são diferentes uns dos outros, muitas vezes não nos damos conta disso...

É muito fácil não notar as diferenças suris e, na maioria das vezes, é difícil passar por cima das mais aparentes. Por isso, conviver com as pessoas com alguma limitação física, intelectual ou sensorial parece complicado.

Você verá que as pessoas com deficiência são "diferentes", como todos nós somos uns dos outros, e que é essa diversidade que nos torna únicos.

7

Figura 10 - Texto com 3 tipos e tamanhos

Fonte: Viação Cometa



É inadequado empurrar a cadeira de rodas sem o conhecimento e o consentimento da pessoa com deficiência.

14

Figura 11 - Ilustração e pouco texto

Fonte: Viação Cometa

Com base nesta entrevista, foi possível chegar a alguns entendimentos que confirmam o objetivo deste trabalho e reforçam sua relevância, já que todos os entrevistados afirmaram que abordar esse tema é muito importante. Também foi possível validar algumas inferências feitas durante a análise de similares, como o desestímulo à leitura, causado pelo excesso de texto, e como o uso de imagens e outros elementos pode auxiliar na criação de uma dinâmica mais atraente.

5 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

5.1 BRIEFING

Tendo como base a análise dos guias semelhantes, foi desenvolvido o *briefing* do projeto: um pequeno guia de dicas de convivência e curiosidades sobre os tipos mais comuns de deficiência, visando a população em geral como público-alvo e participante da construção do projeto, que se basearia em suas preferências e necessidades. De acordo com elas, o guia foi, então, pensado para o formato digital, com mais elementos visuais e menos blocos de texto; e com ilustrações simplificadas e coloridas, que chamem a atenção e auxiliem na rápida compreensão da mensagem transmitida. Priorizou-se uma quantidade pequena de páginas, para que o leitor se mantivesse interessado, e tipografia que permita boa fluidez de legibilidade na *web*.

O diferencial deste projeto em relação a outros projetos semelhantes, além da nova abordagem com maior apelo visual, também está em um foco maior nas estratégias de divulgação. Entre as estratégias previstas estão: Página no *Facebook*, *landing page* para *download* do guia, cartazes e adesivos para divulgação desses endereços virtuais e utilização de sistemas de internos de TV (como o da UTFPR e dos ônibus da cidade de Curitiba).

5.2 GERAÇÃO DO CONTEÚDO

O conteúdo do guia foi construído com base nas informações encontradas nos guias previamente analisados. Dada a vasta quantidade de informações, não foi preciso criar novos conteúdos, apenas trabalhar com o já existente. Para isso, foi reunido tudo o que se tratava de deficiência visual, e então os textos encontrados foram reescritos, utilizando sinônimos e nova sintaxe, e agrupando informações que eram parecidas ou de uma mesma categoria de situação, para que ficassem mais condensados e diretos, de forma a passar a informação mais fácil e rapidamente. O objetivo foi ter textos curtos, de forma a evitar os grandes volumes de informação escrita encontrada nos similares. No Apêndice C estão todas as informações, na íntegra, como foram encontradas nas referências, e as mesmas informações já

editadas. No quadro 3, a seguir, têm-se um resumo disso, que apresenta somente as informações e dicas presentes no guia, já em sua redação final:

Quadro das informações presentes no guia	
Info 1	Este guia contém dicas e informações sobre como lidar com a diversidade. Não são regras e não busca ditar obrigatoriedades. Busca apenas trabalhar com inclusão e interação, a única regra é romper com o preconceito. A pessoa com deficiência não é incapaz, e nem deve ser protegida, ela apenas necessita de adaptação. Qualquer situação que foge do que estamos acostumados é vista com dificuldade, por vezes, constrangimento. Precisamos nos adaptar.
Info 2	VOCÊ SABIA? Nem todo deficiente visual é cego! A pessoa com deficiência visual é aquela que apresenta uma redução ou ausência total da visão, podendo ser de dois tipos: baixa visão em diversos níveis e cegueira. No Brasil, segundo o IBGE, existem 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual, sendo 582 mil cegas e 6 milhões com baixa visão.
Info 3	QUAL O CORRETO? Qual a forma correta de se referir a pessoa cega? Cego(a) - Pessoa com deficiência - Deficiente visual (forma correta, representada com símbolo de “certo” em verde) Portador(a) de deficiência visual - Portador(a) de necessidades especiais (forma incorreta, representada com um “x” vermelho)
Info 4	O cão-guia é um animal treinado exclusivamente para auxiliar a pessoa cega e tem acesso permitido a qualquer ambiente que ela frequente, por isso, alimentar, fazer carinho ou outra coisa que distraia o animal está fora de cogitação, pois pode prejudicar a pessoa cega, e colocar sua vida em risco.
Dica 1	Quando a pessoa cega for se sentar, leve-a até a cadeira e coloque a mão dela sobre o encosto ou assento, e informe se a cadeira tem braços ou não.
Dica 2	Indique as distâncias em metros e pontos de referência, evite usar termos como ‘por aqui’ e ‘por ali’, pergunte também se as informações dadas são suficientes.
Dica 3	Ao guiar uma pessoa cega, dobre o braço de forma que o cotovelo fique disponível para ela segurá-lo e te seguir, ou ofereça seu ombro. Nunca agarre a pessoa, nem a puxe pelo braço ou bengala. Em lugares onde só puder passar uma pessoa, vá na frente e coloque seu braço para trás, para que a pessoa cega possa continuar te seguindo. (Dica incluída posteriormente à validação com as pessoas cegas)
Dica 4	Quando se dirigir a uma pessoa cega, cumprimente-a tocando levemente os ombros ou as mãos e identifique-se (ou se apresente), para que a pessoa saiba com quem vai falar.
Dica 5	Quando for se afastar, avise, para evitar que a pessoa cega fique falando sozinha.
Dica 6	Se for ajudar uma pessoa cega a usar o banheiro, procure agir naturalmente, afinal, é normal. Descreva a posição dos objetos no ambiente, veja antes se o local está limpo.

Quadro 3 – Todas as dicas e informações presentes no guia

Fonte: As autoras (2015)

5.3 PAINÉIS SEMÂNTICOS

Após análise das respostas do questionário, foi desenvolvido o primeiro produto mínimo viável (P.M.V.), baseado nas preferências do público alvo: mais elementos visuais e menos texto. Para isso, primeiramente, foram desenvolvidos alguns painéis semânticos (figuras 12 e 13), com referências visuais de cores, tipografia, guias, infográficos e ilustrações, que serviram como base para o início da criação:



Figura 12 – Painel Semântico de Ilustrações e cores

Fonte: As autoras (2015)

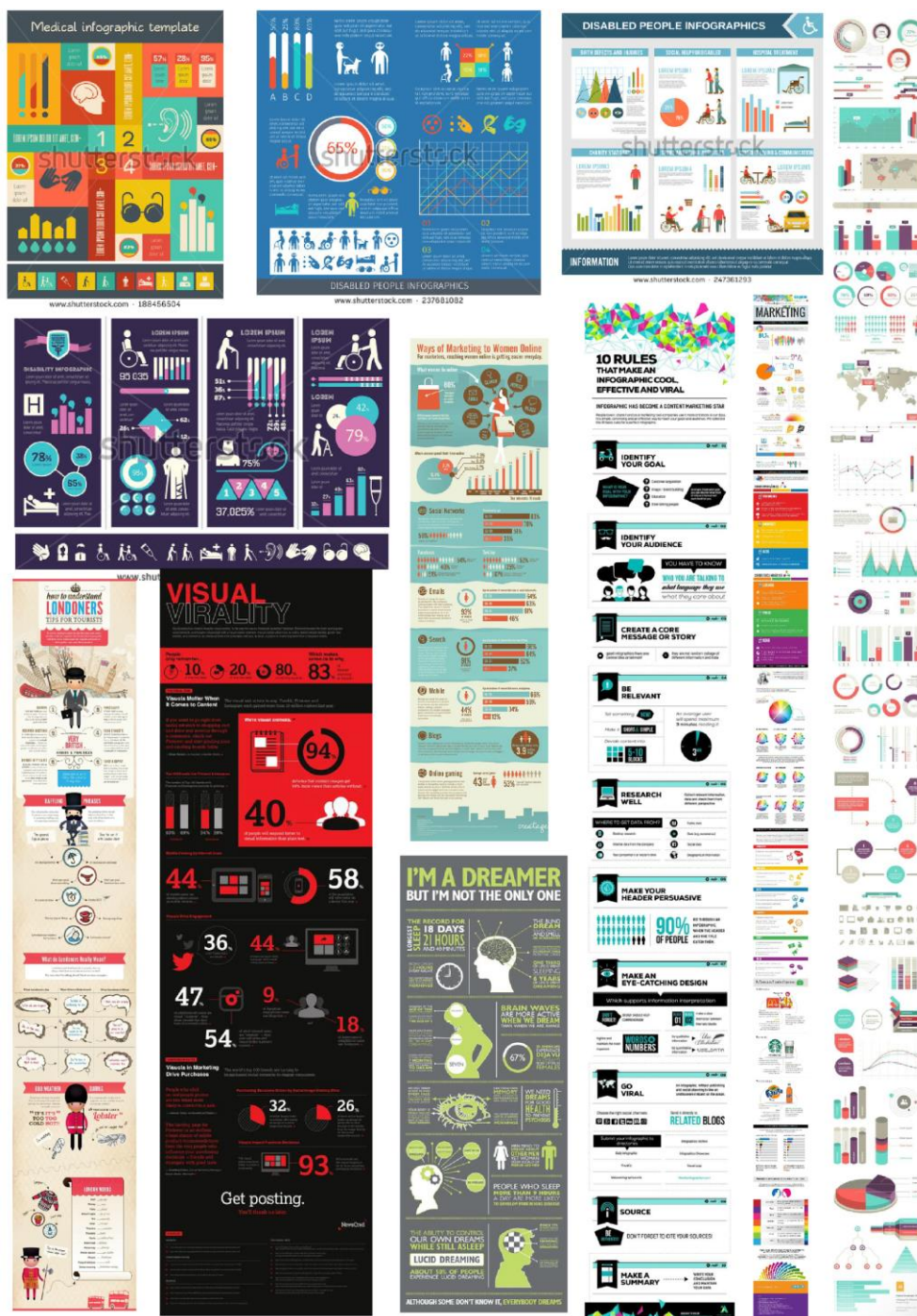


Figura 13 – Painel Semântico de Infográficos/elementos visuais combinados com texto

Fonte: As autoras (2015)

Os painéis feitos mostraram grande gama de cores combinadas entre si e ilustrações simplificadas, que possibilitam entender a mensagem sem auxílio de textos, além de tipografias que facilitam a legibilidade, com tamanhos e alternativas

de uso variadas. O uso do *flat design* é frequente não apenas das ilustrações, mas em outros elementos variados também, como pequenas faixas, gráficos e ícones.

5.4 ILUSTRAÇÕES

Com base nos painéis semânticos, as ilustrações foram criadas no estilo *flat*, que vem sendo tendência mundo afora. Para Sá (2004), o estilo *flat* consolidou sua presença no biênio 2013/2014, e é definido pelo uso de formas simples, planas, geometricamente estilizadas e por cores saturadas e uniformes. Os valores por trás dessa linguagem seriam o minimalismo, a objetividade, clareza e honestidade visual. Todas essas características são pertinentes ao objetivo deste trabalho, buscando uma maior atração visual através de uma linguagem em evidência, e que é simples e clara na comunicação e também de fácil produção.

Para o desenvolvimento das ilustrações, primeiro foram criados os formatos de rosto, nariz, olhos, bocas, camiseta, pescoço e vários estilos de cabelos que seriam as bases da ilustração. A partir deles (Figura 14), todas as personagens criadas utilizaram-se dos mesmos elementos, apenas variando as cores das aplicações. A princípio, criou-se também um par de óculos e outros elementos gráficos, como o balão de falas e as marcações de certo e errado.



Figura 14 – Elementos base das ilustrações

Fonte: As autoras (2015)

As formas são geometrizadas, de modo que, ao duplicar e espelhá-las, elas se encaixem uma na outra, formando uma só (Figura 15).



Figura 15 – Ilustrações criadas – nem todas foram usadas

Fonte: As autoras (2015)

Para caracterizar os elementos como *flat*, foram removidos os contornos das formas, e a parte da imagem do lado esquerdo foi sempre representada em tons mais escuros que as do lado direito, assim representando uma espécie de sombreamento da ilustração, que reforça a ideia de elemento planejado, como um boneco feito de papel e dobrado ao meio. Outros elementos foram se fazendo necessários, conforme

o andar do projeto, (como pernas, cadeira e a bengala das personagens cegas) e foram criados no mesmo estilo.

5.5 GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS

5.5.1 Primeiro P.M.V.

O primeiro P.M.V. foi criado com apenas 4 páginas e tratando somente de 1 deficiência, pois, antes de criar mais conteúdos, pretendia-se apresentá-lo ao público e obter uma validação sobre a tipografia, quantidade de texto, estilo de ilustração e cores.

Este protótipo foi pensado e concebido para ser utilizado de forma digital, e não impressa. Por isso, possui o tamanho de uma tela de *tablet* ou computador, e o formato horizontal comum deste tipo de dispositivo. O texto presente nas dicas e curiosidades do guia é uma adaptação dos textos encontrados nos guias semelhantes analisados (quadro 2).

O título foi criado a partir de *brainstorming*. Buscava-se uma nomenclatura mais comercial e identificável pelo público. A lista resultante do *brainstorming* teve 27 possíveis nomes (Apêndice D), cujos mais relevantes, a julgamento das autoras, foram: “A Igualdade nas Diferenças”, “Todos Juntos” e “#TamoJunto”. Dentre estes, foi escolhido o “A Igualdade nas Diferenças”, porém, através de uma pesquisa rápida, descobriu-se que o nome já vinha sendo usado em um projeto semelhante, então, ele foi adaptado para “Igualdade faz a Diferença”, que possui trocadilhos com “a diferença” sendo tanto “a deficiência” quanto algo que é importante. Na pesquisa para saber se o novo nome já vinha sendo usado, encontrou-se apenas um projeto de combate ao racismo para funcionários internos de determinada empresa, ou seja, por ser outro assunto, de outra área, foi possível o uso do nome adaptado neste projeto.

O logotipo foi criado em uma linguagem simples, sem muitos grafismos, para facilitar a legibilidade e entendimento do texto, e ilustra a capa do guia (Figura 16).



Figura 16 – Capa do guia com a logo

Fonte: As autoras (2015)

A tipografia escolhida para o logotipo foi a *DK Lemon Yellow Sun*, a mesma utilizada nas falas dos personagens, por ser uma tipografia manuscrita, que passa uma imagem mais descontraída e humanizada. Pode ser aplicado na cor preta, branca ou em variações de acordo com o fundo (Figura 17).



Figura 17 – Logotipo em variações

Fonte: As autoras (2015)

A paleta de cores (Figura 18) escolhida para a base foi inspirada no guia analisado anteriormente, porque foi uma das características positivas apontados pelos entrevistados. As cores quentes tendem a chamar a atenção e criar um ponto de aconchego para o olhar, em meio aos textos, e podem ser facilmente combinadas com outras cores, criando dinamicidade e equilíbrio.



Figura 18 – Paleta de cores base

Fonte: As autoras (2015)

A tipografia utilizada para o corpo do texto foi a família *Centrale Sans* (Figura 19), uma fonte sem serifa humanista. Segundo Bergsland (2007), a classificação humanista é mais próxima à caligrafia humana que as classificações geométricas e transicionais, isso porque ela apresenta maior contraste entre os caracteres, variação de espessura no traçado e aberturas mais amplas. A outra tipografia, utilizada em textos menores, como a fala das personagens é a *DK Lemon Yellow Sun* (Figura 20), que é mais manuscrita e humanizada, para quebrar a seriedade do assunto.

Isso confere a esses tipos uma melhor legibilidade, um caráter menos frio que outras sem serifa e um visual mais contemporâneo, o que não ocorre quando se utiliza tipografias serifadas. Todos esses aspectos são positivos para este trabalho.



Figura 19 - Tipografia texto

Fonte: My fonts – Centrale Sans ³



Figura 20 – Tipografia fala

Fonte: My fonts – Lemon Yellow Sun⁴

³ Disponível em: < <http://www.myfonts.com/fonts/typedepot/centrale-sans/> > acesso em 22/05/2015

⁴ Disponível em: < <https://www.myfonts.com/fonts/hanoded/lemon-yellow-sun/> > acesso em 22/05/2015

De forma geral, o guia completo (Figura 21) do primeiro P.M.V. ficou com 4 páginas, que utilizaram os elementos e características supracitados.



Figura 21 – Páginas do primeiro P.M.V.

Fonte: As autoras (2015)

Com as páginas prontas, foi feita nova entrevista com 4 pessoas, seguindo o mesmo padrão dos entrevistados anteriormente. Os entrevistados apresentaram opiniões semelhantes e positivas a respeito do projeto gráfico completo (cores, tipografias e ilustrações), fizeram uma leitura rápida e disseram assimilar todas as informações apresentadas com facilidade. Das 4 pessoas, 2 não conseguiram identificar que o exemplar se tratava sobre deficiência visual olhando apenas a capa com o título e 2 comentaram que se o guia se estendesse muito mais, perderiam o interesse.

Então, com base neste *feedback*, percebemos que o desenvolvimento do projeto estava seguindo no caminho correto, utilizando pouco texto e muitas ilustrações. Foram decididas também as seguintes mudanças: incluir um subtítulo que especifica sobre o que o guia se trata; ajustar algumas ilustrações; trocar a cor de fundo da capa para contrastar melhor; incluir nas páginas uma barra com a logo para

dar consistência a publicação; e também numa página de encerramento, que facilita a transição entre a última dica e o fim do guia.

5.5.2 SEGUNDO P.M.V.

As alterações decididas no *feedback* anterior foram reunidas com algumas adições de conteúdo no guia já existente, e resultaram, então, no segundo P.M.V. (Figura 22). Primeiro, foi incluído um subtítulo na capa, que explica o foco e objetivo do guia, depois, em todas as páginas foi incluída uma barra-cabeçalho contendo a logo, que serve como um demarcador de unidade entre as páginas, que nem sempre apresentam a mesma construção. Foram feitos alguns ajustes de tamanho e posicionamento das ilustrações; foi trocada a cor de fundo da capa, que aparecia diferente em alguns monitores e perdia muito do contraste entre ela e a logo; e por fim, foi incluída uma página de encerramento com a logo aplicada no centro, que faz o fechamento do guia de uma forma menos abrupta.



Figura 22 - Páginas do segundo P.M.V.

Fonte: As autoras (2015)

Esse segundo PMV foi avaliado por pessoas ligadas a instituições relacionadas com o atendimento a cegos. Os resultados dessa avaliação, assim como as alterações feitas para a versão final do guia, são apresentadas a seguir.

5.6 VERSÃO FINAL DO GUIA

5.6.1 Pesquisa com instituições

Como parte final do processo avaliativo junto do público envolvido, buscou-se apresentar o guia a pessoas que trabalham diretamente com o assunto, afim de saber se tem algo que era importante ser citado e não foi, e se as informações contidas no guia estão completas e são válidas.

Para isso, foi elaborado um pequeno questionário com 4 perguntas (apêndice E), que foi enviado por *e-mail* para aproximadamente 50 instituições/pessoas de todo o país. Desse número, apenas 4 responderam: Daniele Veloso, do Centro Cultural de Cegos da Primeira Igreja Batista de Curitiba; Jivago Bottenberg, deficiente visual e graduado em Gestão da Tecnologia da Informação; Cleomira Burdzinski, Coordenadora da Seção Braille da Biblioteca Pública do Paraná; e Idamaris Singulani Costa, Diretora da Escola Professor Osny Macedo Saldanha do Instituto Paranaense de Cegos. As respostas completas estão no apêndice E.

O guia foi classificado por três pessoas como “Muito bom”, numa escala que ia de “Muito ruim” a “Muito bom”; uma das pessoas comentou que faltou conteúdo, por isso considerou o guia “Regular”.

Na pergunta referente à existência de alguma informação errada ou incompleta no guia, dois dos que classificaram como “Muito Bom” afirmaram não faltar nada importante. Um deles afirmou: “Creio que para um guia bem enxuto, está adequado”. Um deles, informou um erro na utilização do termo “deficiente visual” e sugeriu a alteração “Substituir a frase: Nem todo deficiente visual é cego (errado o termo deficiente). Pela forma correta: Nem toda pessoa com deficiência visual é cega”.

A pessoa que classificou o guia como “Regular” afirmou que as informações estavam incompletas, sem entrar em maiores detalhes sobre quais.

Na pergunta seguinte, sobre quais informações poderiam ser acrescentadas ao guia, novamente os dois primeiros respondentes não sugeriram nada novo. A pessoa que afirmou que o guia estava incompleto sugeriu apenas a inserir uma dica sobre como auxiliar deficientes na travessia de ruas. Ela também enviou dois guias que supostamente teriam informações mais completas.

Analisando essas 2 cartilhas com informações complementares, percebeu-se que elas repetem o mesmo tipo de informação que havia sido encontrada nos guias semelhantes, o que mostra que não há discrepâncias entre o que está sendo usado neste projeto e o que essas cartilhas consideram como correto. O que muda é quantidade de textos, sendo os dessas cartilhas recebidas, mais extensos.

Na última pergunta, que permitia que a pessoa deixasse mais algum comentário, uma pessoa pediu para que citássemos as referências de conteúdo, e outra comentou que o documento deveria ser completamente acessível para cegos, o que foi colocado novamente em relevância quando Jivago, que é cego, teve dificuldade para entender uma das dicas que dependia da ilustração que foi utilizada, pois o programa de leitura que faz a acessibilidade só consegue identificar textos. A dica (Figura 23) mostrava qual era a forma certa e errada de se referir aos cegos, diferenciando as duas com os símbolos de certo e errado, e ele, ao ter acesso somente ao texto da dica, ficou em dúvida se era uma questão a ser refletida pelo leitor ou se todas as alternativas eram consideradas corretas.



Figura 23 – Dica com conteúdo inacessível

Fonte: As autoras (2015)

Houve ainda alguns comentários que os entrevistados mandaram além do que foi solicitado no questionário, onde elogiavam e parabenizavam a iniciativa, reforçando que o trabalho é importante.

Com esses resultados, alterações foram feitas: uma coisa que foi solicitada por um dos entrevistados, foi a criação de uma dica (figura 24) que ensine como ajudar a pessoa com deficiência a atravessar a rua, que já foi feita e inclusa no guia. Essa nova dica foi feita da mesma forma que as outras: foi tirada de outros guias e editada. Ela já se encontrava no acervo de dicas editadas, feito no começo do projeto (apêndice C), e o texto dela é: “Ao guiar uma pessoa cega, dobre o braço de forma que o cotovelo fique disponível para ela segurá-lo e te seguir, ou ofereça seu ombro. Nunca agarre a pessoa, nem a puxe pelo braço ou bengala. Em lugares onde só puder passar uma pessoa, vá na frente e coloque seu braço para trás, para que a pessoa cega possa continuar te seguindo”. Essa dica serve para auxiliar numa das atividades mais corriqueiras que as pessoas vivenciam quando encontram uma pessoa cega na rua.



Figura 24 – Ilustração da nova dica

Fonte: As autoras (2015)

Com essa nova informação inserida, optou-se por reorganizar a ordem das dicas, de forma que a leitura fizesse mais sentido: Primeiros contatos com a pessoa cega, depois formas de auxiliá-la, quando e se necessário, depois, informações

adicionais. Com a sugestão de citar as referências do conteúdo do guia, optou-se por inserir, na penúltima página, uma relação de *links* e nomes de alguns dos guias mais extensos utilizados na criação do conteúdo, que além de referenciar, servem também para que o leitor saiba onde encontrar mais informações a respeito do tema “deficiência”. O guia com essas alterações é mostrado na figura 25. m, foi incluída uma página de encerramento com a logo aplicada no centro, que faz o fechamento do guia de uma forma menos abrupta.



Figura 25 - Guia com novas alterações

Fonte: As autoras (2015)

Outra alteração foi tornar o guia e o *site* do projeto acessíveis para pessoas com deficiência visual. Essa questão já havia sido cogitada no início do projeto, porém, como o público-alvo do mesmo é a população sem deficiência visual, acreditou-se equivocadamente que esta não era uma prioridade. Após esta validação, percebeu-se que mesmo não sendo o público alvo final, as pessoas cegas têm a mesma prioridade que qualquer outra no acesso a esse conteúdo.

No guia (Figura 25), há ilustrações e outros símbolos que não são lidos pelos programas de leitura que os cegos utilizam. Este tipo de programa consegue apenas ler textos, portanto as pessoas cegas ficam sem ter acesso o conteúdo e as mensagens passadas com as imagens.

Para resolver este problema, há duas soluções mais rápidas: uma é colocar, numa caixa de texto, a descrição de cada imagem, logo que esta aparecer; e a outra é tornar o arquivo de extensão PDF acessível através de recursos do *Adobe Acrobat XI*⁵, que é o método mais recomendado, pois, com as marcas que podem ser feitas no texto, a leitura fica contínua, coisa que não é garantida com a simples inclusão da descrição das imagens.

⁵ Software desenvolvido pela Adobe Systems, que permite a conversão de documentos de diversos formatos em um arquivo de formato PDF.

6 ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO

6.1 FACEBOOK

A primeira estratégia escolhida para a divulgação do guia foi a criação de uma página no *Facebook* (Figura 26), por ser uma rede social de vasto conhecimento e uso popular. A página se encontra em www.facebook.com/igualdadefazadiferenca, e qualquer pessoa com cadastro no *site* pode “curtir”, “compartilhar” e ter acesso aos conteúdos. A criação desta página foi importante porque lá se pode encontrar os números de acesso e “curtidas” (Figura 27), que apontaram o alcance de um público relativamente grande à pagina, e de forma muito rápida. Em 3 dias que a página foi divulgada, se alcançou o número de 264 “curtidas”, e isso indica que a estratégia de utilizar um formato digital é válida.



Figura 26 – Captura de tela da página do *Facebook*

Fonte: As autoras (2015)

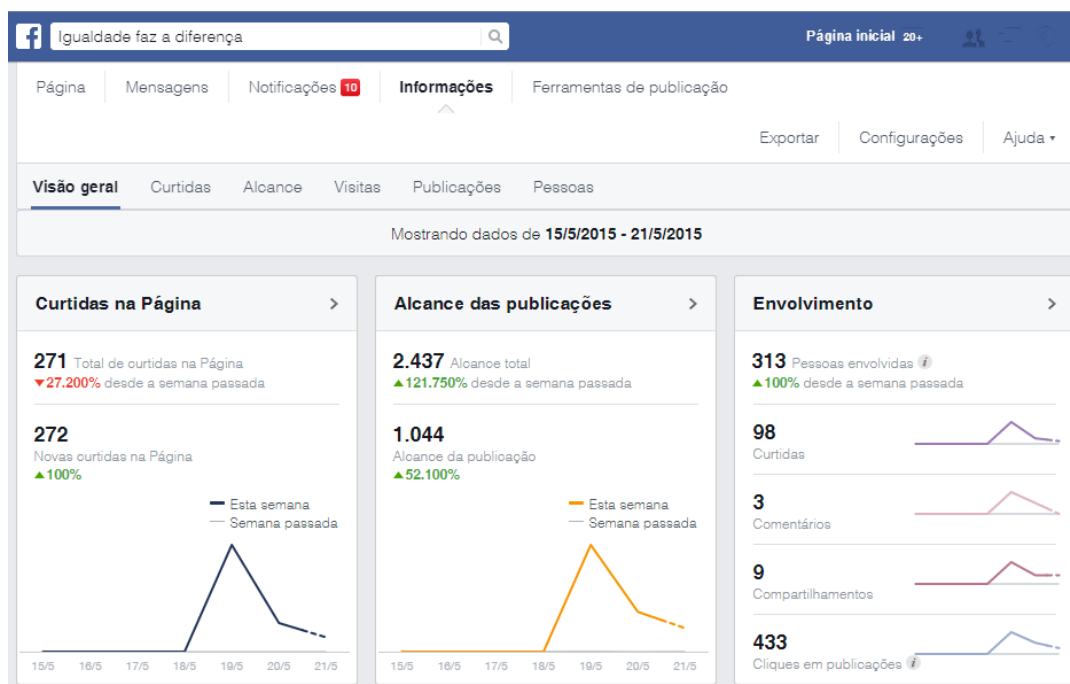


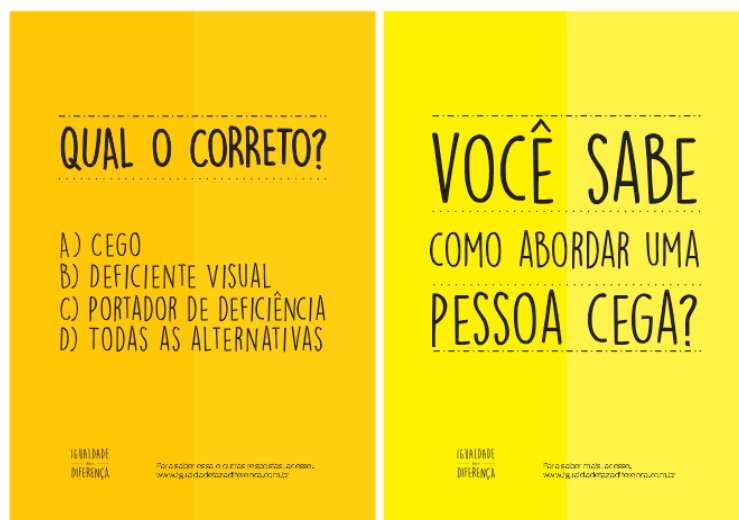
Figura 27 – Captura de tela mostrando as “curtidas” da página, obtidas em 3 dias

Fonte: As autoras (2015)

6.2 OUTRAS SOLUÇÕES

Como auxiliares na divulgação do projeto, foram também criados cartazes (Figuras 28 e 29) a serem espalhados dentro da universidade e nas “tubotecas”, (bibliotecas das estações tubo) de algumas linhas de ônibus de Curitiba. Os cartazes foram feitos com poucos elementos, utilizando-se de tipografia e linhas finas sobre um fundo de cores quentes. Foram feitas duas variações, uma amarela e uma alaranjada, ambas em formato A3 vertical.

Na amarela, tem-se a pergunta “Você sabe como abordar um cego?”, chamando atenção do leitor e o instigando a refletir sobre a causa. Em seguida, tem-se “Para saber mais, acesse www.igualdadefazadiferenca.com.br” e a logo do projeto, identificando do que se trata o cartaz, e trazendo informações sobre o mesmo através da divulgação do *link* de acesso ao *site* do projeto.



Figuras 28 e 29 – Cartazes

Fonte: As autoras (2015)

Foram criados também, dois *layouts* (Figura 30) para os televisores (Figura 31) de dentro da universidade. Aqui, fez-se uso de algumas ilustrações, porque atrai mais atenção do que texto. Foram criadas 3 telas para cada *layout*, a serem exibidas sequencialmente, de forma que a propaganda pareça uma animação. Na primeira tela, tem-se o nome do guia na logo; na segunda tela, tem-se uma dica com ilustração; e na terceira tela, o *link* do *site* do projeto, finalizando a exibição. Há a possibilidade de usar dicas diferenciadas na segunda tela, de forma que, cada vez que a propaganda for exibida no televisor, uma nova informação poderá ser aprendida.



Figura 30 – Layouts para os televisores: telas permanentes e dicas que variam

Fonte: As autoras (2015)



Figura 31 – Simulação dos layouts nos televisores da universidade
Fonte: As autoras (2015)

Ambas as estratégias, dos cartazes e televisores, visam despertar a curiosidade dos transeuntes, que se tiverem interesse, poderão acessar o *site* (Figura 32) onde o *download* do guia está sendo disponibilizado.

O *site* criado se encontra no domínio www.igualdadefazadiferenca.com.br e, por sua vez, tem uma interface bastante simples e de fácil e rápido entendimento, com cores quentes e ilustrações, e serve para que o internauta, que viu a divulgação, possa “baixar” uma cópia do guia para si.



Figura 32 - Landing page
Fonte: As autoras (2015)

Por fim, outra estratégia criada, foi um cartaz (Figura 33) a ser impresso em tamanho A2, que contém todas as dicas presentes no guia e busca apresentá-las de forma mais compacta e acessível aos que não viram o projeto no meio digital e/ou aos ambientes que recebem pessoas cegas e não tem treinamento adequado, de forma que, o cartaz poderá servir como material para consulta quando o usuário for atender ou ajudar uma pessoa com deficiência visual.

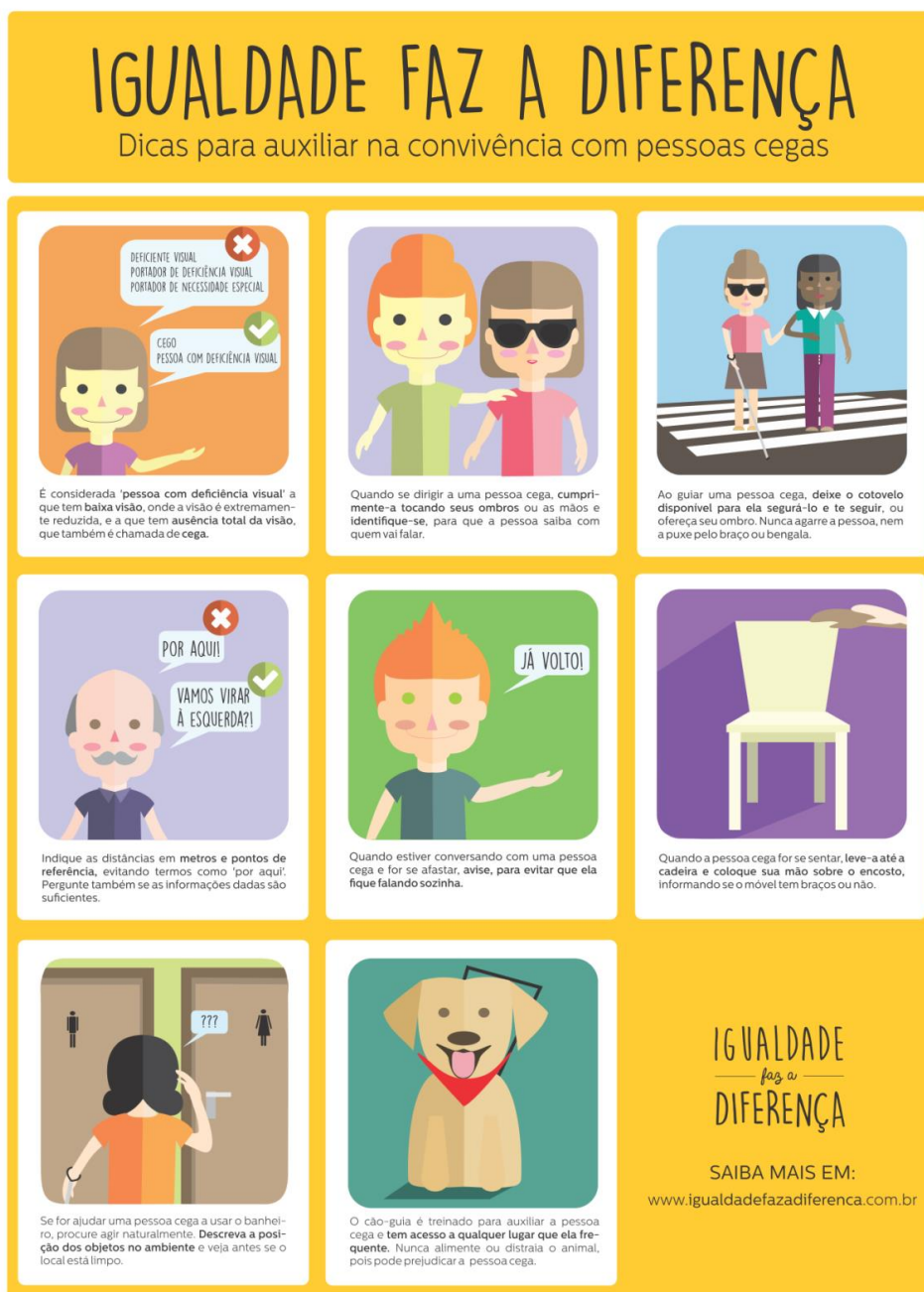


Figura 33 – Cartaz A2 com todas as dicas

Fonte: As autoras (2015)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto teve início com a motivação de tentar amenizar o problema de exclusão social de pessoas com deficiência, sendo esta por falta de informação sobre como incluí-las. A solução estimada que faria esse papel era um guia prático, porém, ao utilizar-se de uma metodologia diferenciada, não havia garantias de qual seria o produto final do projeto. Ao longo de um ano, em um lento processo de criação e testes com o público envolvido, averiguou-se que, por fim, um guia funcionaria, se fosse 1 para cada deficiência, e se acompanhados de outras alternativas, como um *site* e tudo o mais que contribuiria com a sua divulgação.

Essas metodologias que foram a base deste projeto e da criação do guia, incentivam a participação efetiva do público envolvido, o que tornou o projeto mais real, pois com as verdadeiras necessidades em prática, a visão das estratégias a serem utilizadas e as formas de abordagem muda por completo. A importância em centrar no usuário e nas pessoas envolvidas, se deu até o último momento, quando buscou-se saber, além da opinião do público-alvo, também a opinião das pessoas com deficiência e especialistas na área. O aprendizado obtido com estas validações chamou a atenção para a abordagem de questões que não seriam levadas tão seriamente em consideração, como a acessibilidade dos documentos e a linguagem utilizada dentro e fora deles; mas o aprendizado maior foi buscar sempre ouvir pessoas, de forma a construir um projeto voltado elas, e não para o projetista, que na opinião desta equipe deve constituir um bom trabalho de *design* nos dias atuais.

Essas mesmas metodologias, também, foram a principal fonte das dificuldades encontradas no projeto, pois é sempre “doloroso” se desfazer de algo que o autor considera bom, mas o público não, e assim ter que começar tudo do zero, com outra ideia mais abrangente. A outra principal dificuldade, a falta de tempo para concluir tudo o que se almejava, faz com que este projeto não acabe com a finalização do presente trabalho de conclusão de curso. Ainda pretende-se colocar em prática as estratégias de divulgação e melhorar a acessibilidade das peças criadas, além de criar novos guias para as deficiências física e auditiva, utilizando o conhecimento e experiência reunidos até o presente momento.

REFERÊNCIAS

AMBROSE, G.; HARRIS, P. ***Design thinking***. Porto Alegre: *Bookman*, 2011.

BERGSLAND, David. *Humanist sans serif typefaces*. In: **DT&G Typography**. Harrisonburg: *Showker Graphic Arts & Design*, 2007. Disponível em <<http://www.graphic-design.com/Type/bergsland/humanist.html>>. Acesso em 22 mai. 2015.

BROWN, Tim. ***Design thinking*** - uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Campus, 2010.

GIL, MARTA. **O que as empresas podem fazer pela inclusão das pessoas com deficiência** / coordenação Marta Gil. São Paulo: Instituto Ethos, 2002.

IBDD. **Cartilha IBDD dos direitos da pessoa com deficiência** / [pesquisa e texto IBDD]. Rio de Janeiro: IBDD, 2009.

IBDD. **Inclusão social da pessoa com deficiência: medidas que fazem a diferença**. Rio de Janeiro: IBDD, 2008.

INSTITUTO MARA GABRILLI. **Manual de convivência** - Pessoas com deficiência e mobilidade reduzida. São Paulo: Instituto Mara Gabrilli, 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **A pessoa com deficiência e o Sistema Único de Saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

REDE DE REABILITAÇÃO LUCY MONTORO. **Cartilha de orientação para atendimento de pessoa com deficiência**. Rede de Reabilitação Lucy Montoro. São Paulo: Aurea, 2009.

RIBAS, João. **Preconceito contra as pessoas com deficiência: as relações que travamos com o mundo**. São Paulo: Cortez, 2011.

RIES, Eric. **A Startup Enxuta**. São Paulo: Lua de Papel, 2012.

SÁ, Túlio Henrique Mandolesi. **O estilo gráfico *flat design* na gestão da interface visual nos dispositivos móveis**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica. Orientador Richard Perassi Luiz de Sousa. Florianópolis, 2014.

APÊNDICES

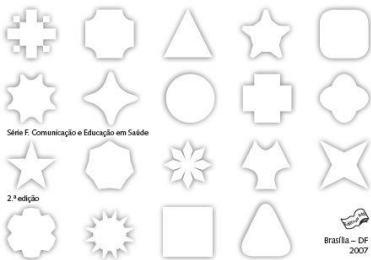
APÊNDICE A

Imagens de todos os guias analisados:

A pessoa com Deficiência e o Sistema Único de Saúde

MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria de Atenção à Saúde
Departamento de Ações Programáticas Estratégicas

A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE



REABILITAÇÃO

A reabilitação é um processo que dá respeito ao desenvolvimento humano e às capacidades adaptativas nas diferentes fases da vida. Abrange os aspectos funcionais, psíquicos, educacionais, sociais e profissionais.

A assistência à saúde e as ações de reabilitação visam ao desenvolvimento de capacidades, habilidades, recursos pessoais e comunitários para promover a independência e a participação social das pessoas com deficiência frente à diversidade de condições e necessidades.

Toda pessoa que apresente redução funcional tem direito ao diagnóstico e à avaliação de uma equipe multiprofissional (formada por médicos, fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, assistentes sociais, enfermeiros, nutricionistas e outros). De igual forma, tem direito de beneficiar-se dos processos de reabilitação de seu estado físico, mental ou sensorial, quando este constituir obstáculo para sua inclusão educativa, laboral e social.

A busca por atenção à saúde compreende não só o acompanhamento e a manutenção dos ganhos adquiridos com a reabilitação e a prevenção de deformidades, como com a aquisição e adequação de órteses e próteses (cadeiras de rodas, bolsas de colostomia, próteses auditivas, visuais e ortopédicas, etc.).

RESPOSTAS AS QUESTÕES MAIS FREQUENTES

1. O que acontece se a pessoa com deficiência não vai regularmente ao médico?

Pode ocorrer o agravamento da incapacidade ou do seu estado clínico. Para evitar tal ocorrência, é importante procurar a unidade de saúde perto de sua moradia para uma avaliação clínica de seu estado geral de

Cartilha de Orientação para o atendimento a Pessoas com Deficiência



BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Cartilha de Orientação para o Atendimento a Pessoas com Deficiência. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

Cartilha IBDD dos direitos da pessoa com deficiência



Cartilha IBDD dos direitos da pessoa com deficiência

IBDD
Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência

Lutar por direitos é conquistar cidadania

Rio Card Especial **Município do Rio de Janeiro**

Este passe oferece gratuidade nos ônibus convencionais de duas portas, sem ar condicionado e nos microônibus urbanos sem ar condicionado da Cidade do Rio de Janeiro, conforme a Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro, de 05 de abril de 1990 e as Leis Municipais 3.167, de 27 de dezembro de 2000 e a Lei Municipal 5.211, de 01 de julho de 2010, regulamentadas pelo decreto 32.842, de 01 de outubro de 2010. Os beneficiados são pessoas com deficiência e doentes crônicas, desde que hipossuficientes, maiores de 65 anos e alunos uniformizados do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino.

Têm direito ao passe livre municipal:

- ▶ Pessoas com deficiência física
- ▶ Pessoas com deficiência auditiva
- ▶ Pessoas com deficiência visual
- ▶ Pessoas com deficiência intelectual
- ▶ Portadores do vírus HIV (que necessitem de tratamento contínuo)
- ▶ Renais crônicos
- ▶ Transplantados
- ▶ Hansenianos
- ▶ Doentes crônicos

Como requerer:

- ▶ Primeiro passo: estar inserido no Cadastro Único Geral – CadÚnico para comprovar a hipossuficiência e para isso você deve dirigir-se ao Centro de Referência em Assistência Social – CRAS, do seu bairro ou mais próximo da sua residência.
- ▶ Segundo passo: dirigir-se a Clínica da Família do seu bairro ou mais próximo da sua residência, para que o médico preencha o laudo médico eletrônico, em sistema próprio para requerimento da concessão da gratuidade.

CadÚnico **Documentos necessários**

Para o responsável familiar: CPF ou título de eleitor;
Para os demais membros da família: qualquer documento de identificação, como a carteira de identidade, CPF, título de eleitor, certidão de casamento ou nascimento, carteira de trabalho.

Inclusão social da pessoa com deficiência: medidas que fazem a diferença



Inclusão social da pessoa com deficiência: medidas que fazem a diferença

ipiranga **IBDD**

cristã – cuja origem está na Grécia e no Oriente Médio, na Palestina entre o povo judeu – os pais fundadores de nossa cultura atual, tanto do lado grego como do lado judaico e depois cristão, são pessoas com deficiência. Quem é o fundador da cultura grega para nós? Quando pensamos na cultura grega, qual é o primeiro nome que nos ocorre, porque não conhecemos nenhum antes dele? Homero. Homero, que cantou a Guerra de Tróia e depois a viagem de volta de Ulisses em Ilíada e Odisseia. Essas são as duas narrativas fundadoras da Grécia, da cultura grega, da diferença entre Ocidente e Oriente. Essa é a narrativa-mãe do Ocidente, mãe da Europa, portanto nossa avó. Homero era cego e, no entanto, ninguém pensa em se referir a ele como Homero, o ceguinho, como nos referimos ao ceguinho da feira, que é um cantador, um repentista, um extraordinário poeta e a quem, entretanto, nos referimos pela deficiência, não pela poesia. Homero era um grande poeta, o maior poeta de todos os tempos, assim se diz, mas o fato de ser cego não é significativo. Era um fato e ponto.

A tragédia de Édipo, por exemplo, que é uma das narrativas paradigmáticas da nossa cultura: a mãe, o pai e o filho, e o conflito entre os três, que deu na psicanálise, enfim, em tantas coisas. Em Édipo Rei, quem é o detetive, quem é que sabe a verdade desde o começo e aconselha Édipo a não se aprofundar demais na descoberta da verdade porque ele vai se dar mal? É Tírsias, o adivinho, cego. O que quer dizer a palavra "adivinhar"? Adivinhar vem do latim *divinare*, o adivinho é "aquele que tem o dom divino, o dom da divinação". Ele tem o dom de se pôr próximo do divino e, portanto, de saber o que os humanos comuns não sabem. É a deficiência de Tírsias que o faz ser essa pessoa marcada positivamente e não a pessoa excluída que hoje seria.

29



Manual de convivência: Pessoas com deficiência e mobilidade reduzida



Não tenha medo. Algumas situações podem parecer embaraçosas, mas tudo vai depender da forma como você lidar com elas. Uma coisa, entretanto, tem de estar muito clara: nunca subestime a eficiência de uma pessoa com deficiência e nem suponha-se as dificuldades. Ter uma deficiência não faz com que a pessoa seja melhor ou pior, somente impõe a necessidade de algum tipo de adaptação.

Ao contrário do que se diz, as pessoas com deficiência não se importam em responder perguntas sobre sua deficiência. Aquelas situações em que uma criança fica calando ou faz alguma pergunta sobre a deficiência de uma pessoa não é constrangedora. O que torna a situação embaraçosa é, invariavelmente, a atitude dos pais, que putam a criança pelo braço e cochicham algo do tipo: "não fale isso, não toca com ele". A criança tem curiosidade do mundo que ainda não conhece. O adulto já tende a mascarar essas "curiosidades" que ignoram. De qualquer forma, a resposta é simples: aja com naturalidade. Perguntar sobre o que não conhecemos é sempre natural.

Bem, digamos que você encontrou uma pessoa com deficiência, perguntou o que aconteceu, sobre a deficiência etc. Então, você sente aquela inclinação para oferecer ajuda. Se sentir essa vontade, ofereça. Mas, antes de fazê-lo, pergunte como a pessoa quer ser ajudada. Se não soubermos exatamente como ajudar, acabamos atrapalhando. Vou dar um exemplo de uma situação em que normalmente usamos o impulso. Uma pessoa que usa muletas precisa de ajuda para subir uma escada. Você, que nunca ajudou uma pessoa com deficiência física antes, se dispõe a ajudar e... pimba, segura na muleta e começa a impulsioná-la para cima. Povo é, não foi uma boa ideia. Faltando isso, você comete dois erros graves: o primeiro é que segurando e puxando o apoio dessa pessoa, você tira o ponto fixo que a mantém em pé; o outro é mexer nas muletas sem pedir licença. Essas órteses, bom como a cadeira de rodas, são como uma extensão do corpo da pessoa com deficiência. Seria a mesma coisa que uma pessoa, disposta a te ajudar, fosse pegando no seu braço antes de perguntar se pode.

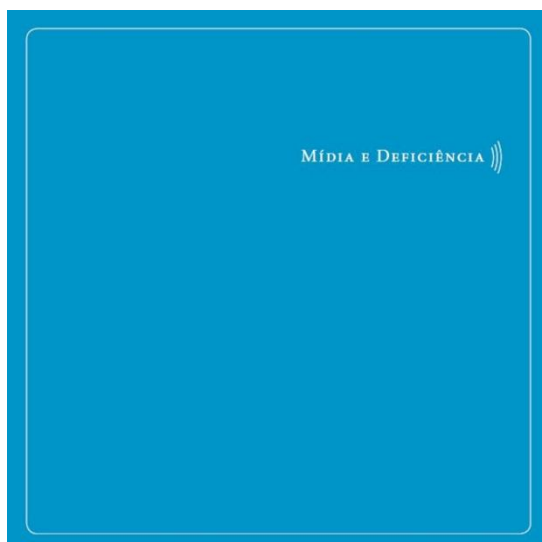
Importante, também, é não se sentir mal caso a pessoa com deficiência recuse a sua ajuda. Muitas vezes, elas podem e querem fazer determinadas atividades sozinhas e até vão fazer melhor se não tiverem auxílio. Portanto, não se incomode com essa negativa. O contrário também é verdadeiro. Se você não se sentir seguro para ajudar, sinta-se livre para recusar o pedido de ajuda. É preciso saber como para dar alguma contribuição, certo?

Agora, que ajudar para valer? As vagas algumas dizem: nunca pare nas vagas de estacionamento destinadas às pessoas com deficiência e nem estacione em frente às guias rebaixadas. Os "cinco minutinhos" que alegam para usar a vaga reservada fazem muita falta quando uma pessoa com deficiência precisa estacionar nesse lugar. Não deve ser por acaso que algumas reservas uma vaga, pinos com as cores do símbolo internacional de acesso e marcou as medidas (que são maiores do que as das

Manual de Convivência - Pessoas com Deficiência e Mobilidade Reduzida



Mídia e Deficiência



20 A construção dos conceitos MÍDIA E DEFICIÊNCIA

A *inclusão*, ao contrário, nos aponta para um novo caminho. Nelas, nossas decisões são guiadas pela certeza de que o direito de escolher seres humanos é filosoficamente legítimo, além de ser anticonstitucional. Uma sociedade inclusiva tem compromisso com as minorias e não apenas com as pessoas com deficiência. Tem compromisso com elas e com sua diversidade e se auto-exige transformações intrínsecas. É um movimento com características políticas. Como filosofia, *incluir* é a crença de que todos têm direito de participar ativamente da sociedade. Como ideologia, a *inclusão* vem para quebrar barreiras cristalizadas em torno de grupos estigmatizados.

A *inclusão* é para todos porque somos diferentes.

Um pouco da história

A concepção de um mundo-mãe sempre viveu no desejo da humanidade, em diferentes épocas e civilizações. Mas foi só em 1981, ao instituir o Ano Internacional das Pessoas Deficientes, que a ONU oficializou o embrião do conceito de sociedade inclusiva. Entidades não-governamentais e governamentais, a mídia mundial, nações de portes diversos no cenário econômico-político internacional reafirmaram por 365 dias a necessidade de o planeta reconhecer com firmeza os direitos das pessoas com deficiência.

Em 20 de dezembro de 1993, no final da Década das Nações Unidas para Pessoas Portadoras de Deficiência, a Assembleia Geral da ONU assinou uma outra e decisiva resolução – a de nº 48/06 – que adotou o

documento *Normas sobre a Equiparação de Oportunidades para Pessoas com Deficiência*. Nesse documento deu forma às ideias do programa de 1982. São 22 normas que indicam os requisitos, as áreas-alvo e as medidas de implementação da igualdade de participação das pessoas com deficiência na sociedade. Mas esta conquista não ocorreu de um dia para outro, em um passe de mágica. Ela é resultado de um longo processo de luta e modernização no campo dos direitos humanos das pessoas com deficiência, que avançou do conceito de *segregação institucional*, passando pelo de *integração* até o chegar ao atual modelo de *sociedade inclusiva*.

O paradigma da *integração*, norteador de práticas sociais e políticas públicas pertinentes a pessoas com deficiência durante cerca de 40 anos (décadas de 50 a 80), teve seus méritos baseados no fato de que surgiu em substituição ao paradigma da *segregação institucional*.

Em que consistia essa prática? Para entender a melhor, é necessário retroceder mais ainda na história e lá encontrar o paradigma da *exclusão* das pessoas com deficiência.

No artigo "Como chamar as pessoas que têm deficiência?", de Romeu Kazami Sassaki (publicado em *Vida Independente*, julho de 2003), o autor descreve que durante séculos as pessoas com deficiência foram consideradas inúteis – um peso morto para a sociedade, um fardo para a família e sem valor profissional. Chamadas de "invalidas", foram excluídas da sociedade, muitas delas literalmente exterminadas em certas culturas.

APÊNDICE B

Perguntas da entrevista:

- 1) Numa olhada rápida, você consegue dizer sobre o que o guia trata?
- 2) Qual a sua opinião sobre a importância de saber como se relacionar com pessoas com deficiências?
Muito importante / importante / indiferente / pouco importante / irrelevante
Por quê?
- 3) Você sente vontade de ler este guia? Por que? Se a resposta for 'não', o que te faria mudar de ideia?
- 4) Leia o trecho (p. 7) e diga o que acha da linguagem usada (muito formal? muito coloquial?)
Abra nas páginas 13 e 14 e dê sua opinião sobre a abordagem utilizada (É melhor que ler um texto corrido? A ilustração chama a atenção?)
- 5) Encontre algo que te chama mais a atenção (independentemente de você gostar ou não), e explique.
- 6) Encontre algo que você gosta e algo que você não gosta, e explique.

Respostas

Entrevistado 1:

- 1) Sim, sobre deficientes e como incluí-los.
- 2) Muito importante, porque são pessoas, com rotinas e expectativas, como qualquer outra.
- 3) Teria vontade de ler, mas não leria inteiro; iria direto num capítulo que me interessa.
- 4) Linguagem maçante e não objetiva, é formal dependendo do público.
- 5) Tipografia e espaçamento usados de forma não uniforme.
- 6) Gosto do papel colorido, não da cor impressa num papel.

Entrevistado 2:

- 1) De como conviver com pessoas com deficiência.

- 2) Muito importante, porque não temos convivência e quando encontramos alguém com deficiência, não sabemos como reagir e acabamos passando e fazendo os outros passar por constrangimentos.
- 3) Teria vontade de ler e ver com meus alunos de ergonomia.
- 4) Linguagem simples e repetitiva.
- 5) Muitas fontes, cor misturada e fundo colorido.
- 6) Gosto muito da cor laranja e das ilustrações também. Não gosto da mistura de tipografia.

Entrevistado 3:

- 1) Sim, é sobre deficientes.
- 2) Muito importante, porque desempenham atividades iguais de jeitos diferentes.
- 3) Sim, porque tenho interesse no assunto.
- 4) Informal e fácil de ler. Ilustrações chamam mais atenção que bloco de texto.
- 5) Ilustração engraçada.
- 6) Não achei nada que não goste, está tudo ok.

Entrevistado 4:

- 1) Sim, como lidar com pessoas com deficiências.
- 2) Muito importante, porque um dia quando precisar, você vai saber como lidar sem constrangimentos para nenhuma das partes envolvidas.
- 3) Sim porque esta fácil de entender e não toma muito tempo.
- 4) P. 7 - Nem muito chique nem coloquial, p. 13 – melhor assim, pois é mais fácil de assimilar, p. 14 – a ilustração ajuda, se tampar o texto, o desenho se auto explica e vice-versa.
- 5) Diferentes formas de representação do texto.
- 6) Gosto das formas de apresentação do texto e não gosto de muito texto junto, principalmente se estiver 'apertado'.

Entrevistado 5:

- 1) Ensinar a conviver com deficientes.
- 2) Muito importante, porque precisamos da inclusão dessas pessoas.
- 3) Não, tem muito texto e não é atraente.

- 4) O texto redundante, o gráfico é melhor que texto, mas não é atraente, ilustração e texto juntos são bem lúdicos.
- 5) O uso da imagem com um texto explicativo chama muita atenção.
- 6) Gosto das ilustrações, mas não da tipografia.

Entrevistado 6:

- 1) Dicas para aprender a se relacionar melhor com deficientes.
- 2) Muito importante, pela causa.
- 3) Sim, porque tenho deficiente na família.
- 4) Linguagem simples. O 'mito e verdade' e a ilustração chamam atenção pela forma que falam do assunto.
- 5) Ilustrações e dicas de como lidar, que são úteis.
- 6) Achei muito extenso, poderia ser mais resumido.

Entrevistado 7:

- 1) Sobre deficientes.
- 2) Muito importante.
- 3) Não, porque é muito grande e não tenho tempo. Seria mais interessante se fosse um vídeo ou imagem.
- 4) Achei repetitivo, imagens (gráfico e ilustração) dão mais vontade de ler.
- 5) As ilustrações engraçadas.
- 6) Gosto das imagens e gráficos, não gosto do texto muito longo.

Entrevistado 8:

- 1) Relacionamento com deficientes.
- 2) Muito importante.
- 3) Sim, porque precisamos aprender a nos relacionar.
- 4) Linguagem simples, e os gráficos ajudam na interpretação.
- 5) Ilustrações chamam mais atenção.
- 6) Poderia ter menos texto e mais dicas.

Entrevistado 9:

- 1) Como tratar os deficientes.
- 2) Muito importante para aprender a se relacionar com eles.
- 3) Sim, porque tenho interesse no assunto.
- 4) Linguagem clara, gráfico chato, dicas e ilustrações bem interessantes.

- 5) A mudança constante no tamanho da tipografia, que desvia o foco.
- 6) As ilustrações com dicas, que até poderiam ser em maior quantidade.

Entrevistado 10:

- 1) Como lidar com deficientes.
- 2) Muito importante.
- 3) Não, iria só para o que interessa – Leria se fosse um número menor de páginas.
- 4) Linguagem simples, gráfico sem graça e mal aproveitado, porém as dicas e ilustrações são interessantes.
- 5) As páginas com ilustrações.
- 6) Queria mais dicas e menos páginas só com texto redundante.

APÊNDICE C

DICAS RETIRADAS DOS GUIAS ANALISADOS, NA ÍNTEGRA:

CONVIVENDO COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (EMPRESA VIAÇÃO COMETA)

Ao dirigir-se a uma pessoa cega, cumprimente-a tocando levemente nas mãos e identifique-se de imediato para que esta saiba com quem vai falar.

Avise quando se afastar, para evitar que a pessoa cega fique falando sozinha.

Durante a conversa, não é necessário falar mais alto, a menos que ela o solicite.

Utilize com naturalidade termos como "cego", "ver" e "olhar". Os cegos também os utilizam.

Quando for guiar alguém com deficiência visual, dobre o braço e ofereça o cotovelo para que ela o segure e possa seguir você. Não a agarre nem puxe pelo braço ou pela bengala.

Termo adequado – cego, deficiente visual

Termo inadequado - Portador de deficiência visual, Ceguinho

Para ajudar a pessoa cega a sentar-se, guie-a até a cadeira e coloque a mão dela sobre o encosto, informando se a cadeira tem braço ou não.

Caso seja necessário que a pessoa cega assine algum documento que não esteja em Braille, leia o conteúdo em voz alta e dê uma régua para que ela possa fazer sua assinatura.

Narre o trajeto avisando sobre degraus e outros obstáculos que estejam na frente. Ao explicar a direção, indique distância e pontos de referência com clareza: tantos metros à direita, à esquerda. Evite termos como "por aqui" e "por ali".

Se a pessoa cega utiliza o cão-guia, não faça carinho no cachorro para não distraí-lo e prejudicar o deficiente visual. As pessoas devem saber que o animal é treinado para assumir comportamento adequado, sendo permitido seu acesso a qualquer ambiente que a pessoa frequente, inclusive seu local de trabalho.

Quando estiver falando com uma pessoa cega, dirija-se a ela, e não a seu acompanhante.

INCLUSÃO SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA - MEDIDAS QUE FAZEM A DIFERENÇA (IBDD, 2008)

Perceba, espere ela solicitar, se quiser pergunte à pessoa com deficiência visual se ela precisa de ajuda e como a deseja.

Ao guiar um cego, ele deve segurar seu braço ou seu ombro. Informe-o dos obstáculos que surgirem no caminho.

Ao guiá-lo para uma cadeira, leve sua mão para o encosto e informe se a cadeira tem braços.

Não o puxe ou empurre.

Avise quando você for se retirar do local onde estão juntos.

Ao explicar direções seja claro e específico, indique os obstáculos e procure dimensionar a distância, perguntando também se as informações são suficientes.

Informe sobre o motivo de uma sirene ou alarme.

Quando se referir à pessoa, em grupo, fale seu nome.

Procure exprimir ao máximo seus sentimentos por palavras, pois a pessoa não está vendo suas expressões faciais ou gestos.

Não precisa falar alto ou espaçadamente com o cego, pois ele ouve.

Ao fazer as apresentações com estímulos visuais, descreva o que está na tela, ou no quadro.

MANUAL DE CONVIVÊNCIA - PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E MOBILIDADE REDUZIDA (INSTITUTO MARA GABRILLI)

Ao se encontrar com uma pessoa cega, caso você não a conheça, toque em seu braço, se apresente e então inicie a conversa. Se você já conhecê-la, toque no seu braço e diga o seu nome.

Nunca se esqueça de virar a pessoa cega para a frente de quem quer apresentar, assim você evita que ela possa estender a mão para o vazio que fica do lado contrário dessas pessoas.

Outro detalhe é nunca se afastar sem anunciar que está saindo do lado dela.

Caso a pessoa cega precise se locomover como atravessar uma rua, por exemplo, e tenha aceitado a sua ajuda, coloque a mão dela no seu cotovelo dobrado ou no seu ombro, e deixe que ela acompanhe o seu corpo enquanto vai andando. Avise, sempre com antecedência, se existem degraus, pisos escorregadios, buracos ou qualquer outro obstáculo que possa impedir a livre circulação de vocês durante o trajeto. Detalhe: não ande como uma tartaruga, mas não pense em correr como uma lebre. Lembre-se sempre de usar o bom senso. Em um corredor estreito, onde só pode passar uma pessoa, vá à frente e coloque seu braço para trás de modo que a pessoa cega possa continuar a seguir você.

Lembra da dica que fala que a cadeira de rodas é como uma extensão da pessoa com deficiência física? Então, a bengala é como uma extensão da pessoa com deficiência visual. Portanto, não a puxe pela bengala e nem tente guiá-la por esse equipamento.

Se você perceber que a pessoa cega está com a blusa do avesso, as meias trocadas ou com os botões fora de ordem, não tenha receio de avisá-la.

Ao conduzir uma pessoa cega para se sentar, direcione suas mãos por trás do encosto do assento, seja uma cadeira, banco etc. Não esqueça de avisá-la se o assento tem ou não braços, assim ela pode se orientar em relação ao espaço e às pessoas presentes.

Como o próprio nome sugere, o cão-guia é responsável pela autonomia do cego. Bem treinado, ele enfrenta com domínio e tranquilidade o desafio de facilitar o acesso e conduzir com segurança as pessoas com deficiência visual.

Nunca acaricie ou dê alimentos a esse animal. Os cães-guia têm um trabalho de muita responsabilidade e, de acordo com seu treinamento, qualquer recompensa – seja comida ou carinho - é uma forma de avisá-lo que está em seu momento de folga. Essas interferências desmobilizam a guarda e atenção do cão e podem colocar em perigo a vida do deficiente visual. Muito cuidado!

Outra informação é importante conhecer: a Lei nº11.126/2005 assegura a essas pessoas o direito de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhadas de seu cão-guia.

Quando você for ajudar uma pessoa cega a fazer uso do banheiro, procure ser natural, afinal, fazer xixi não é coisa do outro mundo. Num local público, por exemplo, procure descrever a posição dos equipamentos presentes no ambiente, isso facilita a autonomia dessas pessoas. Mas tome alguns cuidados: veja antes se o local a ser utilizado está limpo e diga onde estão o rolo de papel higiênico e o cesto; se possível, ou em caso de necessidade, espere pela pessoa, leve-a até a pia para lavar as mãos e informe a localização de toalhas e/ou secador de mãos; se a pessoa com deficiência for do sexo oposto, procure alguém do mesmo sexo para ajudá-la. Aja com naturalidade, assim, a pessoa que for ajudar também agirá.

O QUE AS EMPRESAS PODEM FAZER PELA INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (INSTITUTO ETHOS, 2012)

É bom saber que nem sempre as pessoas com deficiência visual precisam de ajuda. Se encontrar alguém que pareça estar em dificuldades, identifique-se, faça-a perceber que você está falando com ela e ofereça seu auxílio. Nunca ajude sem perguntar como fazê-lo. Caso sua ajuda como guia seja aceita, coloque a mão da pessoa no seu

cotovelo dobrado. Ela irá acompanhar o movimento do seu corpo enquanto você vai andando. Num corredor estreito, por onde só é possível passar uma pessoa, coloque o seu braço para trás, de modo que a pessoa cega possa continuar seguindo você.

É sempre bom avisar, antecipadamente, a existência de degraus, pisos escorregadios, buracos e outros obstáculos durante o trajeto. Ao explicar direções, seja o mais claro e específico possível; de preferência, indique as distâncias em metros (“uns vinte metros à nossa frente”, por exemplo). Quando for afastar-se, avise sempre.

Algumas pessoas, sem perceber, falam em tom de voz mais alto quando conversam com pessoas cegas. A menos que ela tenha, também, uma deficiência auditiva que justifique isso, não faz nenhum sentido gritar. Fale em tom de voz normal.

Não se deve brincar com um cão-guia, pois ele tem a responsabilidade de guiar o dono que não enxerga e não deve ser distraído dessa função.

As pessoas cegas ou com visão subnormal são como você, só que não enxergam. Trate-as com o mesmo respeito e consideração dispensados às demais pessoas. No convívio social ou profissional, não as exclua das atividades normais. Deixe que elas decidam como podem ou querem participar.

Fique à vontade para usar palavras como “veja” e “olhe”, pois as pessoas com deficiência visual as empregam com naturalidade.

DICAS EDITADAS

PRIMEIRO CONTATO:

Quando se dirigir a uma pessoa cega, cumprimente-a tocando levemente os ombros ou as mãos e identifique-se (ou se apresente), para que a pessoa saiba com quem vai falar.

Trate-as com o mesmo respeito e consideração dados às demais pessoas.

Em apresentações, vire a pessoa cega de frente para quem você for apresentar, evitando que ela estenda a mão para o nada. Sempre informe à quem a pessoa cega for apresentada sobre a deficiência. Isso facilita a interação e evita situações embaraçosas. Não é um rótulo, é uma informação.

Quando, em grupo, se referir à pessoa cega, fale o nome dela.

Quando for se afastar, avise, para evitar que a pessoa cega fique falando sozinha.

Enquanto conversam, você não precisa falar mais alto ou espaçadamente, a menos que a pessoa cega peça.

Ao falar com uma pessoa cega, se dirija a ela, e não ao acompanhante dela.

Os cegos usam com naturalidade termos como "cego", "ver" e "olhar". Sinta-se livre para usá-los também.

Como a pessoa cega não está vendo suas expressões faciais ou gestos, procure expressar ao máximo seus sentimentos através das palavras.

PARA AJUDAR:

Para ajudar uma pessoa cega, espere que ela solicite, ou se apresente e ofereça ajuda, perguntando de que forma ela gostaria de ser ajudada. Nunca ajude sem perguntar como fazê-lo. Nunca puxe ou agarre a pessoa, nem pelos braços e nem pela bengala.

Saiba que nem sempre as pessoas cegas precisam de ajuda.

Ao guiar uma pessoa cega, dobre o braço de forma que o cotovelo fique disponível para ela segurá-lo e te seguir, ou ofereça seu ombro. Nunca agarre a pessoa, nem a puxe pelo braço ou bengala.

Não precisa andar muito devagar, mas também não corra.

Avise quando estiverem por vir degraus, buracos, superfícies lisas e outros obstáculos.

Indique as distâncias em metros e pontos de referência com clareza, usando termos

como 'esquerda' e 'direita', e não 'por aqui' e 'por ali', perguntando também se as informações dadas são suficientes.

Em lugares onde só puder passar uma pessoa, vá na frente e coloque seu braço para trás, para que a pessoa cega possa continuar te seguindo.

Se for ajudar uma pessoa cega a usar o banheiro, procure agir naturalmente, afinal, é normal. Descreva a posição dos objetos no ambiente, veja antes se o local está limpo e diga onde estão o rolo de papel higiênico e o cesto, bem como a pia, toalha e secador de mãos.

Se a pessoa cega for do sexo oposto, procure alguém do mesmo sexo para ajudá-la.

OUTRAS SITUAÇÕES:

Quando a pessoa cega for se sentar, leve-a até a cadeira e coloque a mão dela sobre o encosto ou assento, e informe se a cadeira tem braços ou não.

Em carros, coloque a mão da pessoa cega na lateral da porta e, depois no encosto do assento. Ela vai saber entrar sem a sua ajuda.

Dentro do carro, cuide para que ela não machuque ou prenda as mãos e dedos, pois o tato é muito importante para a pessoa cega.

Quando a pessoa cega entrar pela primeira vez em um ambiente, faça uma visita guiada, indicando onde ficam os cômodos e móveis do local. Se algum móvel for mudado de lugar, lembre de avisar a pessoa cega.

Evite deixar portas entreabertas. Elas devem estar ou totalmente abertas ou totalmente fechadas.

Procure deixar corredores e passagens livres de obstáculos.

Fazendo isso, a pessoa cega pode se locomover com segurança e sem precisar de ajuda.

Se a pessoa cega precisar assinar algo que não esteja em Braille, leia o conteúdo em voz alta e lhe dê uma régua, para que ela possa saber onde assinar.

No convívio social ou profissional, não as exclua das atividades normais. Deixe que elas decidam como podem ou querem participar.

CÃO-GUIA:

O cão-guia é um animal treinado exclusivamente para auxiliar a pessoa cega, por isso, alimentar, fazer carinho ou outra coisa que distraia o animal está fora de cogitação, pois pode prejudicar a pessoa cega, inclusive colocando sua vida em risco.

O cão-guia tem acesso permitido a qualquer ambiente que a pessoa cega frequente.

APÊNDICE D

Lista completa dos possíveis nomes “comerciais” do guia

Guia para todos

Guia Universal

Acessibilidade para Todos

Convivendo - (Com)vivendo

De igual para igual

Colmeia

Aldeia

Comunidade - (Com)unidade

Planeta

Mundo

Preconceito

Desinformação

A Igualdade nas diferenças / A igualdade na diferença

Uma mão lava a outra

Sensibilidade

Dicas

Quebrando Barreiras

Perdendo o Medo

Convivendo com as diferenças

Todos Juntos

Tamo Junto

Somos nozes

Nós (analogia com nó)

Juntos (como sigla)

Vem pro Guia

#TamoJunto

APÊNDICE E

Questionário de validação do guia com pessoas com deficiência visual ou relacionadas ao assunto:

Resposta de Jivago Bottenberg:

Bom dia,

Muito importante esse trabalho de conscientização proposto pelo trabalho de vocês.

Vcs tem algum amigo cego, etc?

Seguem as respostas:

1. Em sua opinião o conteúdo presente no guia apresenta algum erro ou informação incompleta?

Acredito que esteja bom assim

2. Existe alguma informação importante que não foi citada? Qual?

Não

3. De maneira geral, qual a sua avaliação do guia:

Muito ruim

Ruim

Regular

Bom

Muito bom

4. Gostaria de fazer mais algum comentário?

Agora uma dúvida:

Qual a forma correta de se referir a pessoa cega?

Cego(a)

Pessoa com deficiência

Deficiente visual

Portador(a) de deficiência visual

Portador(a) de necessidades especiais

Não entendi se vocês colocam todas essas formas como corretas, ou seria algo para quem ler pensar de qual jeito que é o certo.

Fico a disposição

Respostas de Cleomira Burdzinski:

1. Em sua opinião o conteúdo presente no guia apresenta algum erro ou informação incompleta?

R Informação incompleta.

2. Existe alguma informação importante que não foi citada? Qual?

R. São várias - veja também como auxiliar o deficiente na travessia de ruas e no passeio.

3. De maneira geral, qual a sua avaliação do guia:

Muito ruim

Ruim

Regular

Bom

Muito bom

4. Gostaria de fazer mais algum comentário?

Estarei enviando alguns guias e outras informações complementares

Resposta de Daniele Veloso:

Olá Larissa, tudo bom?

Muito legal esta iniciativa, parabéns e Deus abençoando o grupo neste trabalho.

Se me permite, posso encaminhar a outras pessoas?

Segue então abaixo as observações feitas a respeito do trabalho de vocês.

1. Em sua opinião o conteúdo presente no guia apresenta algum erro ou informação incompleta?

Na página "Qual o correto?", tenho a seguinte observação:

Os termos corretos são "cego, deficiente visual, ou pessoa com deficiência visual" e termos incorretos "portador de deficiência, pessoa com necessidades especiais".

Ou seja, o termo deficiente visual está correto, a questão o grau dessa deficiência, se total ou parcial.

2. Existe alguma informação importante que não foi citada? Qual?

Creio que para um guia bem enxuto, está adequado.

3. De maneira geral, qual a sua avaliação do guia:

Muito ruim

Ruim

Regular

Bom

Muito bom

4. Gostaria de fazer mais algum comentário?

Este guia será disponibilizado impresso ou virtual?

Precisa ser pensado na acessibilidade da pessoa cega, então as imagens precisam estar descritas.

Parabéns pela iniciativa! E estou à disposição para qualquer dúvida.

Resposta de Idamaris Costa

1. Em sua opinião o conteúdo presente no guia apresenta algum erro ou informação incompleta?

R. Substituir a frase: Nem todo deficiente visual é cego, (errado o termo deficiente).
Pela forma correta: Nem toda pessoa com deficiência visual é cega.

2. Existe alguma informação importante que não foi citada? Qual?

R. O guia não está completo, quando consideramos o conjunto das orientações sobre como relacionar-se com pessoa com deficiência visual.

3. De maneira geral, qual a sua avaliação do guia:

- Muito ruim
- Ruim
- Regular
- Bom
- Muito bom

4. Gostaria de fazer mais algum comentário?

R. Poderia ter mais slides no seu guia abordando outras informações, porém não sei qual critério a faculdade adotou e como está seu tempo para finalização do trabalho. Também deve aparecer a referência utilizada para a elaboração do mesmo.